Abastecer Brasil

Outubro 2012 | nº9 | www.abracen.org.br | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Impresso Especial
9912239796/2009/DR/MG
Abracen
CORREIOS

ENVELOPAMENTO AUTORIZADO
PODE SER ABERTO PELA ECT

FORÇA-TAREFA PELO ALIMENTO SAUDÁVEL

GOVERNO FEDERAL, CEASAS E ENTIDADES PLANEJAM ESTÍMULO AO CONSUMO DE HORTIFRÚTIS

CINQUENTONA

CEASA-PE COMPLETA 50 ANOS EM PLENA FORMA

MOCHILÃO

O QUE O BRASIL PODE E DEVE APRENDER COM AS CEASAS ESTRANGEIRAS

CEASA. Há 50 anos presente na sua mesa.

APOIO

Sindfrutas

ASSUCERE

PERNAMBUCO

BR 101 Sul - Km 70 - Curado - Recife PE | 81 3182.3500
www.ceasape.org.br | www.facebook.com/ceasape

INCENTIVAR
o Pequeno
Agricultor
É CULTIVAR
um Estado
mais justo.

Famílias de pequenos e médios produtores rurais representam 80% dos agricultores do estado do Rio de Janeiro. Ou seja, grande parte dos alimentos que chegam todos os dias à mesa de cariocas e fluminenses depende do trabalho dessas pessoas.

Não é à toa que o Governo do Estado, através da Secretaria de Desenvolvimento Regional, Abastecimento e Pesca, não tem medido esforços para oferecer melhores condições a esses produtores. Em 2011, em iniciativa inédita no país, a CEASA-RJ destinou um pavilhão exclusivo à agricultura familiar, estabeleceu diversas parcerias voltadas ao desenvolvimento rural sustentável e fomentou ações de fortalecimento à participação do pequeno agricultor nas políticas públicas de comercialização, em especial no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), em que 30% da merenda da rede pública de ensino são adquiridos diretamente da agricultura familiar.

Quando todos têm acesso a oportunidades, geramos mais empregos, distribuímos melhor a renda e construímos um Estado mais justo.

Mais justo para o pequeno produtor rural, que pode viver do seu trabalho com dignidade.

Mais justo para o meio ambiente, que passa a ser preservado com práticas sustentáveis.

E mais justo para você, que tem à sua mesa maior variedade de produtos, com melhor qualidade e a preços mais baixos.

GOVERNO DO Rio de Janeiro

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ABASTECIMENTO E PESCA

CEASA RIO DE JANEIRO

EXPEDIENTE

Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento

Presidente | João Alberto Paixão Lages [CeasaMinas]
1º Vice Presidente | Mário Maurici de Lima Morais [Ceagesp]
2º Vice Presidente | Romero Fittipaldi Pontual [Ceasa-PE]
3º Vice Presidente | Paulo Sérgio Braña Muniz [Ceasa Rio Branco]
Diretor Norte/Nordeste | Marco Aurélio Casé [Ceasa-PE]
Vice-Diretor Norte/Nordeste | José Tavares Sobrinho [EMPASA-PB]
Diretor Sudeste/Centro-Oeste | Sérgio Luiz Juliano [Ceasa Campinas-SP]
Vice-Diretor Sudeste/Centro-Oeste | Leonardo Penna de Lima Brandão [Ceasa-RJ]
Diretor Sul | Nestor Pistorello [Ceasa Caxias do Sul-RS]
Vice-Diretor Sul | Felício Francisco Silveira [Ceasa-SC]
Secretário Executivo | José Amaro Guimarães Moreira

Vice-Presidente FLAMA | Antônio Reginaldo Costa Moreira [Ceasa-CE]

Conselho Fiscal Titular
Rodrigo Soares Gaia [Ideral-AL]
Getúlio Darci Curty Pires [Ceasa-ES]
Reub Celestino [EBAL-BA]

Conselho Fiscal Suplente
Wilder da Silva Santos [Ceasa-DF]
Raimundo Fernandes da Silva [Ceasa Paulo Afonso-BA]
José Eustáquio Rodrigues Alves [Ceasa Patos de Minas-MG]

COORDENAÇÃO EDITORIAL Cláudio Fernandes
JORNALISTAS Alessandro Conegundes (MG 11.155 JP), Carlos Dusse (MG 14.004 JP)
Verlan Andrade (MG 07.540 JP), Vinícius Mattiello (MG 14.601 JP)
ESTAGIÁRIOS Raio de Luar

ABRACEN
SGAS, Quadra 901, Bloco A, Lote 69 - Ed. Conab - Sala 101/B. Brasília/DF. CEP 70.390-010
Telefone: 61 3312.6237 | www.abracen.org.br
Responsável | Jusmar Chaves

A Abracen é filiada a

Edição de Revistas e Livros e desenvolvimento de Aplicativos Mobile

DIRETOR EXECUTIVO Frederico Bicalho
DIRETOR EDITORIAL Christiano Bicalho
COORDENADORA DE PRODUÇÃO Júlia Cássaro
DIRETORA DE ARTE Tatiane Martins
DESIGNER JR. Maytê Lepesqueur
ASSISTENTE DE CRIAÇÃO Marcos Castilho
ESTAGIÁRIOS DE CRIAÇÃO Bruno Dayrell / Isabela França
ASSISTENTES DE PRODUÇÃO Josiane Spínola / Júlia Nassif
ESTAGIÁRIA DE PRODUÇÃO Hellen Costa
REVISÃO Jéssica Soares
PERIODICIDADE Trimestral
FOTOLITO IMPRESSÃO Rona Editora
DISTRIBUIÇÃO Nacional
TIRAGEM 15.000 unidades
ATENDIMENTO AO LEITOR atendimento@ad2editora.com.br

A Revista Abastecer Brasil não se responsabiliza pelo conteúdo dos anúncios e artigos assinados. As pessoas que não constam no Expediente não têm autorização para falar em nome da Revista Abastecer Brasil ou de retirar qualquer tipo de material se não tiverem em seu poder autorização formal do diretor-executivo constante do Expediente.

A Revista Abastecer Brasil é uma publicação da AD2 Editora Ltda.
Rua Ludgero Dolabela, 1021, 7º e 8º andares • Gutierrez • Belo Horizonte • MG
CEP: 30430-130 • Telefax: (31) 3299-5500
www.ad2editora.com.br

AUTOCONHECIMENTO:
trilha a percorrer

> "SÓCRATES VALORIZAVA A TROCA DE INFORMAÇÕES. NÃO POR ACASO, A ABRACEN APOSTA EM ENCONTROS, QUE TÊM SIDO RECOMPENSADORES."

Conhece-te a ti mesmo! Está aí uma lição para gerações inteiras. O verdadeiro crescimento tem como condição primeira o conhecimento das próprias fraquezas conforme defendia o pensador Sócrates. Estará assim trilhado o caminho rumo ao autoconhecimento, que, por sua vez, leva à superação dos obstáculos. Para isso, fez-se necessário desenvolver diagnósticos e, com eles, conhecer as carências das Ceasas. No âmbito do abastecimento agroalimentar nacional, cujo crescimento deve se dar em uma escala quase continental, tal conhecimento precisa abranger todas as centrais de abastecimento do país.

Sócrates também valorizava amplamente o compartilhamento de informações. Segundo o filósofo, quem deseja saber não pode apenas ouvir, mas deve, antes de tudo, inquirir. Por meio da comunicação e compartilhamento de experiências, torna-se possível prever as dificuldades e antever as soluções.

Não por acaso, a Abracen aposta firmemente na promoção de encontros periódicos, os quais têm sido recompensadores, se considerarmos as inúmeras experiências compartilhadas por centrais de abastecimento de todas as regiões do país.

E, nesta edição, estamos inaugurando a seção *"Desvendando Mitos"*, abordando questões que volta e meia geram dúvidas entre os consumidores.

Na *"Ceasa em destaque"*, a *Abastecer Brasil* retoma a trajetória de 50 anos de batalhas da Ceasa pernambucana. Foi um longo caminho em busca do saber por onde ir, em que apostar e quais caminhos rejeitar, de modo a superar os inúmeros desafios. E Pernambuco também inspira a seção *"Prato típico"*, contendo sugestões de receitas desse formidável Estado brasileiro.

Também merece destaque nesta edição uma matéria especial contendo um panorama do consumo de hortifrútis no país tendo em vista o início da campanha educativa prevista para este ano, com participação dos ministérios da Saúde, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, da Abracen e de outras entidades. Embora o Brasil seja reconhecido pela grande variedade de frutas e hortaliças, apenas 18,2% da população consomem pelo menos 400 gramas diárias desses alimentos, o mínimo recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

O estímulo ao consumo seria uma das formas de se ampliar o mercado para nossos pequenos produtores rurais, os quais vêm perdendo rentabilidade ao longo dos anos, como mostra outra matéria de destaque nesta edição.

Atuando conforme o pensamento de Peter Drucker, conhecido como pai da Administração, segundo o qual o "planejamento não diz respeito a decisões futuras, mas às implicações futuras de decisões presentes", temos a convicção de que estamos no rumo certo.

Boa leitura a todos!

João Alberto Paixão Lages
Presidente da Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento (Abracen)

EVENTOS 2012

WUWM – UNIÃO MUNDIAL DOS MERCADOS ATACADISTAS (WWW.WUWM.ORG)

EUROFRUIT CONGRESS
Data: 17/10 a 19/10
Local: Cape Town (África do Sul)

Data: 17/11 a 18/11
Local: Dubai (Emirados Árabes Unidos)

FRUIT ATTRACTION – FEIRA INTERNACIONAL DE FRUTAS E HORTALIÇAS
Data: 24/10 a 26/10
Local: Madri (Espanha)

PMA FRESH SUMMIT – CONVENÇÃO E EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
Data: 26/10 a 28/10
Local: Anaheim, Califórnia (EUA)

MAPA – MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (WWW.AGRICULTURA.GOV.BR)

SEMINÁRIO PROGRAMA ABC – AGRICULTURA DE BAIXO CARBONO
Datas: 18/10 e 31/10
Local: Pato Branco/PR

25ª FENAGRO
Data: 24/11 a 02/12
Local: Salvador/BA

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (WWW.EMBRAPA.BR)

XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA
Data: 22/10 a 26/10
Local: Bento Gonçalves/RS

SUMÁRIO

entrevistas

Alexandre Castilho e as lições de Portugal • 10

Padre João acredita na aprovação do Planhort (PL 174/2011) • 44

matérias

Seguros Protegendo o patrimônio e as contas • 12

Agrotóxicos As estratégias para reduzir o uso de defensivos na produção de laranjas • 14

Leitor em Foco Contribua com o debate sobre abastecimento alimentar • 17

Técnicos Experientes Josué Lopes Siqueira defende a convivência entre antigos e novos profissionais • 18

Mito ou Verdade Quais as diferenças entre hidropônicos e orgânicos? • 22

PNA Secretário de Política Agrícola analisa o Plano Nacional de Abastecimento • 26

Capa Alimento saudável: o papel das Ceasas no estímulo ao consumo de frutas, legumes e verduras • 30

Painel Bancos de Alimentos em destaque nas Ceasas do Brasil • 36

Gastronomia As diversidades culturais da culinária de Pernambuco • 39

Ceasa Destaque Ceasa Pernambuco comemora 50 anos • 42

Parcerias nas Ceasas A importância da união para o desenvolvimento • 48

Produtos Exóticos Rambutan: a fruta "cabeluda" do oriente • 50

Missão Internacional As experiências que podem servir de modelo para o Brasil • 52

Consea Representantes da Abracen integram conselho sobre segurança alimentar • 58

Eventos Abracen Encontro Nacional no Rio de Janeiro • 60

artigos

Geovan Pereira e Graça Moreira O papel da gestão de documentos • 20

Ivens Mourão Modernidades imediatas em Ceasas • 24

Carmo Robilotta Regionalização e desenvolvimento • 28

Gabriela Sanches, Marden Marques e Arcenio Júnior Agricultura familiar no RJ • 34

Foto: Divulgação

AS LIÇÕES DE PORTUGAL

Por VINÍCIUS MATTIELLO

No ano que vem, Portugal vai comemorar os 20 anos da Sociedade Instaladora de Mercados Abastecedores (Simab). A empresa foi criada pelo governo português com o objetivo de modernizar e criar uma rede nacional de mercados atacadistas. Hoje, a Simab administra quatro mercados, entre eles, o Mercado Abastecedor da Região de Lisboa (MARL). Alexandre de Castilho, diretor comercial do MARL, visita o Brasil neste ano para participar das comemorações dos 50 anos da Ceasa de Pernambuco. Nesta entrevista à Abastecer Brasil*, ele antecipa alguns assuntos que serão abordados na sua palestra. Alexandre de Castilho é engenheiro agrônomo com pós-graduação em Gestão de Empresas e é funcionário da Simab desde a fundação da empresa, quando trabalhou na elaboração do projeto que resultou na criação do MARL em 2000.*

1. *O MARL foi premiado pela International Union of Electricity pela racionalização energética. O que o mercado fez para merecer esse prêmio?*

O MARL recebeu esse prêmio em função de uma instalação modelo em Portugal. As razões que levaram à atribuição do prêmio estão ligadas à eficiência energética conseguida no complexo por meio da concepção de uma vasta rede de frio e climatização dos 13 pavilhões do mercado, assumindo sempre a gestão racional dos consumos energéticos e térmicos por intermédio da Gestão Técnica Centralizada. A maior central fotovoltaica do mundo em ambiente urbano foi instalada no MARL em outubro de 2009 com uma capacidade de produção de 6 MWp (megawatt pico), o equivalente ao consumo anual de 3 mil habitações ou 12 mil pessoas, cujo investimento foi de € 31 milhões (R$ 80,7 milhões) distribuídos por 30 mil painéis fotovoltaicos. Em termos ambientais, a redução de emissões de CO2 abrange 7 mil toneladas por ano. Trata-se de um projeto de vanguarda na Europa na área das energias renováveis, apostando fortemente na sustentabilidade ambiental e na responsabilidade social.

2. *O MARL foi criado em 2000. Como era o comércio atacadista em Lisboa antes do MARL?*

Antes de 2000, o mercado abastecedor de Lisboa era situado em uma das artérias do centro da cidade, na Avenida das Forças Armadas. O mercado atacadista não tinha quaisquer condições higiênico-sanitárias, nem estruturas de apoio à atividade das empresas nele sediadas, nem estacionamento apropriado para as manobras logísticas de carga e descarga. Tratava-se mais de um mercado de rua com muro circundante, onde eram transacionadas caixas de frutas e hortícolas.

3. *Quais características do MARL fazem com que ele seja um mercado atacadista moderno?*

O MARL possui pavilhões destinados a empresas de hortifrutícolas, flores e pescado, distribuídas consoantemente à sua dimensão e ao seu envolvimento com os seus clientes. Possui ainda um forte componente de logística e serviços no seu interior. Além disso, as empresas que operam no MARL têm acesso a um conjunto de serviços prestados (limpeza e recolha de resíduos, segurança, manutenção, possibilidade de aluguel de câmara de frio, entre outros).

4. *O senhor citou o comércio de flores. Qual a importância desse mercado para o MARL?*

O mercado das flores é o principal mercado de flores na região de Lisboa. Contudo, a representatividade no conjunto de atividade do MARL é residual.

> “ANTES DE 2000, O MERCADO ABASTECEDOR DE LISBOA NÃO TINHA QUAISQUER CONDIÇÕES HIGIÊNICO-SANITÁRIAS, NEM ESTRUTURAS DE APOIO À ATIVIDADE DAS EMPRESAS NELE SEDIADAS. TRATAVA-SE MAIS DE UM MERCADO DE RUA COM MURO CIRCUNDANTE, ONDE ERAM TRANSACIONADAS CAIXAS DE FRUTAS E HORTÍCOLAS”

5. *O senhor também citou o mercado atacadista de pescado. Como ele funciona?*

O setor de pescado desenvolve a sua atividade durante a noite/madrugada. Essa particularidade possui uma razão de ser: durante o dia, o pescado é capturado no mar. É recolhido pelos pescadores e transportado para a lota, local onde os atacadistas do setor compram em leilão os lotes de pescado. Posteriormente e nessa mesma noite, o peixe é comercializado no MARL. É o setor mais especializado do mercado abastecedor e com o maior volume de negócios. Também é o setor que apresenta um grande componente de importação.

6. *O que é o Centro de Recuperação de Embalagens?*

A Central de Recuperação de Embalagens é um projeto ambicioso com uma forte vertente ambiental, cujo principal objetivo consiste em privilegiar a política dos 3 Rs (reduzir, reutilizar e reciclar).

7. *Qual a importância da Simab para o mercado atacadista de Portugal?*

A Simab construiu a rede de plataformas logísticas alimentares distribuída e estrategicamente localizada em quatro centros nacionais: Braga, Lisboa, Évora e Faro. Ela presta assessoria às respectivas entidades gestoras nas questões relacionadas com o seu funcionamento e participa majoritariamente no capital social das empresas gestoras e na própria gestão. Em outros casos, a Simab realizou a concepção, o projeto e a preparação para o funcionamento das plataformas logísticas do mercado abastecedor da Região de Chaves (região norte de Portugal) e do mercado abastecedor da Cova da Beira, no Fundão (região central de Portugal).

8. *O senhor já esteve no Brasil?*

Foi com muito gosto que visitei o Brasil em férias e a trabalho. Conheci o mercado de São Paulo (Ceagesp) e o mercado do Rio de Janeiro (Ceasa-RJ). No mercado de São Paulo, destaca-se um forte componente comercial, muito produto em quantidade, qualidade e a bom preço, contudo, sem grande infraestrutura de apoio à atividade, como estacionamento, vias de acesso, climatização etc. Quanto ao mercado do Rio de Janeiro, trata-se de um mercado de menores dimensões. Contudo, é sem dúvida uma referência no abastecimento alimentar da região.

9. *O senhor foi convidado para participar da comemoração dos 50 anos da Ceasa de Pernambuco. O que os brasileiros podem esperar da sua visita?*

Espero visitar a Ceasa de Pernambuco, mercado de referência para o Estado de Pernambuco e responsável pelo abastecimento alimentar de grande parte do Nordeste brasileiro. Podem contar com a minha contribuição sobre o tema “Os mercados atacadistas na distribuição moderna - rentabilidade dos ativos como centro logístico e exploração da capacidade de autoprodução energética”, baseado no meu conhecimento adquirido ao longo da minha atividade profissional.

10. *O que o Brasil pode aprender com Portugal sobre mercados atacadistas?*

O modo de funcionamento do Simab é uma grande lição. A primeira e principal preocupação dos nossos consultores consiste em adaptar os investimentos idealizados pelo cliente à realidade local, levando em consideração as características sociais e econômicas, além dos hábitos culturais. A segunda preocupação é integrar às infraestruturas concebidas os conceitos e pressupostos que são comuns a todos os projetos por nós desenvolvidos e respeitar o cumprimento da legislação aplicável, que abrangem os seguintes tópicos: saúde pública, proteção ambiental, responsabilidade social, viabilidade econômica, financiamento do investimento e gestão de informações - essa gestão, por ser um processo sistemático e permanente, permite agrupar e trabalhar dados que servem de suporte às decisões estratégicas e operacionais das sociedades gestoras.

PROTEGENDO O PATRIMÔNIO E AS CONTAS

FECHAR UMA APÓLICE DE SEGURO PODERÁ DEIXAR DE SER UM TORMENTO COM A CRIAÇÃO DE UMA POLÍTICA PRÓPRIA DE CONTRATAÇÃO DE SEGURADORAS PELAS CEASAS

Por VERLAN ANDRADE

Foto: Divulgação Ceasa/RS

No entreposto de Porto Alegre, assim como em outras Ceasas, permissionários e a administração encontram dificuldades na hora de fechar os seguros

As Ceasas estão preparadas para os riscos inerentes ao dia a dia da comercialização? Na hora de negociar com as seguradoras, como reduzir os custos e tornar as apólices mais racionais? Partindo de perguntas como essas, a Abracen iniciou uma mobilização junto aos entrepostos associados a fim de realizar um diagnóstico da situação de cada um quanto às coberturas de seguros. A partir desses dados, será possível propor novas formas de negociação conjunta com uma seguradora, favorecendo a redução de custos e a oferta de serviços específicos. Essa é a previsão do secretário-executivo da Abracen, Jusmar Chaves.

De acordo com ele, o levantamento permitirá identificar os tipos de apólices em vigor nas Ceasas brasileiras, incluindo abrangência de coberturas e valores pagos. "Os mercados atacadistas possuem características peculiares que devem ser levadas em conta pelas seguradoras. Por isso, temos que constituir uma política própria nessa área para os cerca de 70 entrepostos", diz Chaves.

A ideia, segundo ele, partiu da experiência de sucesso adotada pela rede de abastecimento espanhola Mercasa, que reúne 23 mercados atacadistas e 11 centros comerciais varejistas.

"QUEREMOS MAIS CONCORRÊNCIA ENTRE SEGURADORAS, CORTAR CUSTOS E AUMENTAR COBERTURAS", DIZ CHAVES

Em sua apresentação na reunião da Abracen no mês de agosto, Chaves listou seis propostas de seguros nas seguintes áreas: risco de danos materiais; responsabilidade civil relativa ao negócio; responsabilidade das administrações; acidentes pessoais; acidentes voluntários, e responsabilidade ambiental. "Como resultado, esperamos conseguir maior concorrência entre as seguradoras, racionalização dos valores e aumento das coberturas", afirma Chaves.

De acordo com o formulário enviado às Ceasas, os seguros podem abranger edificações, mobiliário, bens refrigerados, cargas, máquinas, equipamentos eletroeletrônicos, pessoas, responsabilidade de dirigentes e veículos. Os mais comuns são de responsabilidade civil, contra incêndio, roubos e acidentes.

Mercamadri, que integra a rede de abastecimento espanhol Mercasa, inspirou o projeto de remodelação dos seguros da Abracen

INCERTEZAS

Segundo a gerente financeira da Ceasa do Rio Grande do Sul, Cláudia Teresinha Santos, os entrepostos em geral sempre enfrentam grandes dificuldades na hora de fechar ou renovar apólices de seguros. "As Ceasas em geral possuem estruturas antigas. Os mercados lidam o tempo todo com muito papel, madeira. Isso tudo dificulta a contratação de seguro tanto por parte das administrações quanto pelos lojistas", explica, ao lembrar que o entreposto de Porto Alegre dispõe de brigadas de incêndios e Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa). Na última renovação do seguro, o valor da apólice quase dobrou. "Estamos vivendo um momento de incertezas frente às dificuldades para a próxima renovação".

Para se ter uma ideia do embaraço, uma das normas do Regulamento de Mercado da Ceasa/RS exige que os permissionários façam seguro dentro de determinado prazo. "Estamos impossibilitados de cobrar essa norma, porque até os permissionários têm dificuldades em fechar apólices", diz Cláudia.

Foto: © Atustudio | Dreamstime.com

NOSSA LARANJA DÁ MAIS SUCO

CITRICULTORES USAM ALTERNATIVAS PARA GARANTIR A QUALIDADE DA FRUTA SEM DEIXAR DE USAR OS AGROTÓXICOS, ESSENCIAIS PARA A PRODUÇÃO EM LARGA ESCALA

Por VINÍCIUS MATTIELLO

Delicioso, refrescante e nutritivo. Famoso pela elevada concentração de vitamina C, o suco de laranja faz bem não apenas para a saúde do organismo, mas também para a saúde do bolso de quem atua no setor. O Brasil é líder mundial na produção de suco de laranja, respondendo por 50% da produção mundial e 80% da exportação da bebida. "Essa liderança só é possível graças a um produto de alta qualidade", afirma Christian Lohbauer, presidente-executivo da Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR). Com foco na exportação, produtores e empresários estão constantemente preocupados com a qualidade do produto.

No entanto, o setor que emprega 400 mil pessoas e gera US$ 1 bilhão em divisas para o Brasil por ano sofre com os prejuízos provocados pela ação constante de pragas. Atualmente, o grande vilão dos pomares é o mosquito Psilídeo, transmissor do Greening. A doença, também conhecida como Huanglongbing (HLB), atingiu, em 2011, mais de 50% das áreas de cultivo de São Paulo, a maior região produtora de laranja do mundo. O avanço da doença, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), representa um aumento no custo de R$ 210,00 a R$ 403,00 por hectare anualmente.

Para conter o Greening e outras pragas, o uso de defensivos agrícolas é essencial segundo os especialistas. "As plantações de laranjas, por serem culturas perenes, que permanecem por mais de 15 anos no mesmo local, facilitam o aparecimento de pragas e de doenças que causam muitos danos nas plantas e nas frutas, inviabilizando a sua produção caso não se faça o seu controle", explica José Eduardo Teófilo, presidente do Grupo de Consultores em Citros (GCONCI). Embora a eliminação completa dos agrotóxicos seja uma tarefa difícil, já começam a surgir iniciativas que contribuem, se não para a extinção, ao menos para a redução do seu uso.

De acordo com Cícero Augusto Massari, gerente-técnico do Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus), a possibilidade de reduzir o uso de defensivos químicos é evidente. O monitoramento da plantação para saber o melhor momento de aplicação, a utilização de produtos biológicos e a regulagem dos equipamentos de aplicação são soluções para a redução. "A pesquisa está voltada para essa questão. No caso do Greening, estamos concentrados buscando detalhes dos hábitos e do desenvolvimento do inseto com o objetivo de descobrir algo que dificulte a sua proliferação, como a existência de inimigos naturais", ressalta.

> "O controle químico é praticamente inevitável. Resta, portanto, saber o melhor momento para realizá-lo"
>
> Cícero Augusto Massari
> Gerente-técnico da Fundecitrus

Mantida pelos próprios citricultores, a Fundecitrus foi criada em 1977 com o objetivo imediato de resolver o avanço do Cancro Cítrico. Desde então, o fundo vem desenvolvendo pesquisas para impedir outras pragas e fazer da citricultura uma atividade produtiva. "Aplicar um defensivo deixou de ter como único objetivo controlar determinada doença. É preciso atingir o inimigo, mas de forma econômica, respeitando o meio ambiente e com responsabilidade social quanto ao aplicador e ao consumidor. Enfim, de maneira sustentável", analisa Massari.

Para alcançar esse objetivo e disseminar essa ideia, a Fundecitrus treinou 7 mil produtores desde 2010. "O citricultor tem que ser orientado da importância da utilização de equipamentos de proteção individual", exemplifica Massari. Ele destaca, ainda, que é necessário regular corretamente o equipamento usado na pulverização dos defensivos. Essa medida reduz a quantidade usada e também gera economia de produto, água, óleo diesel e mão de obra. "Ensinamos que não basta realizar a rotação entre os defensivos. É preciso fazer a rotação entre os grupos químicos aos quais eles pertencem. Não adotar essa prática provoca o surgimento de espécies resistentes a determinados produtos", acrescenta.

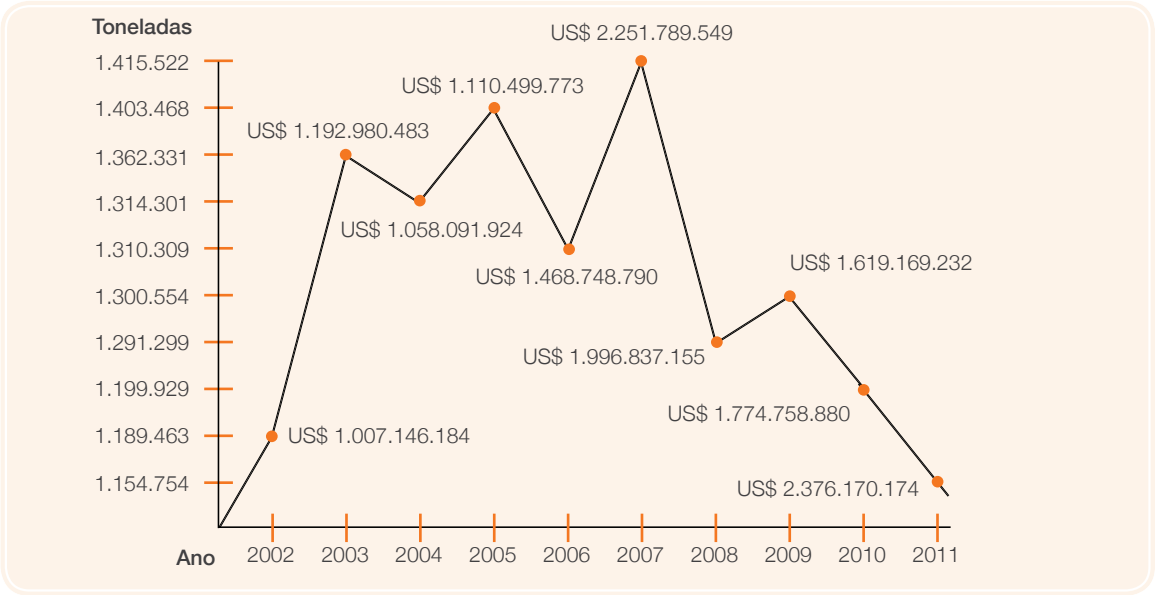
As diversas deficiências encontradas no campo quanto ao uso correto e seguro dos agrotóxicos motivou a Arysta LifeScience, empresa de defensivos agrícolas, a adotar a mesma estratégia. Desde 2007, o programa Aplique Bem treinou mais de 28 mil pessoas, entre pequenos e grandes agricultores. "O programa viaja com os TechMóveis, que são laboratórios móveis adequadamente adaptados e equipados para oferecer treinamento e assistência na própria propriedade rural sem custo ao produtor", informa a gerente de registro da empresa, Líria Hosoe. A iniciativa é uma parceria com o Instituto Agronômico de Campinas (IAC).

O diretor de marketing do Grupo Técnico de Assistência e Consultoria em Citros (GTACC), Ramiro de Souza Lima, concorda que é possível reduzir o uso de agrotóxicos por meio dessas ações, mas que sua eliminação completa é complexa, em

HERANÇA AMERICANA

O norte-americano foi quem criou o hábito de tomar suco de laranja no café da manhã. Hoje, pessoas de várias partes do mundo tomam o suco e consomem a fruta popularizada pelos Estados Unidos. O Brasil começou a se configurar como grande produtor na década de 1960, quando a produção na Flórida, principal fornecedora para o mercado interno norte-americano, sofreu com sucessivas geadas. A grande demanda pelo suco de laranja nos Estados Unidos motivou, então, a instalação da indústria de suco concentrado em São Paulo.

EXPORTAÇÃO DE SUCO DE LARANJA CONCENTRADO E CONGELADO



razão do aparecimento de novas doenças. "A dispensa do uso de agrotóxicos aumentaria muito as perdas de plantas e de frutos. Temos que lembrar que produtos com menos pesticidas são sempre muito mais caros, pois a perda aumenta e a produtividade cai muito. Assim, teríamos que ter consumidores dispostos a pagar pelo menos o dobro do que é pago hoje para consumir um produto com menos resíduos de agrotóxicos", esclarece.

MANEJO INTEGRADO

Outra ideia que vem sendo disseminada entre os citricultores é o Manejo Integrado de Pragas e Doenças. O método consiste no monitoramento das pragas e na aplicação dos produtos químicos somente quando os índices de infestação forem suficientes para comprometer as plantas. "Assim, só faríamos aplicações no extremo de necessidade", resume Lima. Além do acompanhamento e do controle restrito aos períodos necessários, o manejo integrado trabalha com a ideia de eliminar somente as pragas, preservando os seus inimigos naturais por meio da adoção de técnicas ambientais.

A amostragem é uma ferramenta essencial ao método, pois é por meio da análise dos dados amostrados que se descobre o momento ideal para fazer o controle das pragas. Segundo Massari, é adotada uma metodologia específica de amostragem para cada praga da citricultura. "No caso da Leprose, muito comum nos pomares de São Paulo, os inspetores vistoriam 1% das plantas. Em cada uma, são inspecionados três frutos coletados do interior da copa. Com o auxílio de uma lupa, observa-se a presença ou não dos ácaros. Quando 10% dos frutos apresentarem o ácaro, deve-se realizar o controle", detalha.

A utilização de armadilhas atrativas é outro exemplo de método de amostragem. Nele, os citricultores distribuem, pelo pomar, armadilhas elaboradas com uma pastilha que libera feromônio sexual com o objetivo de atrair o macho. O número de machos capturados determina o momento certo de usar os agrotóxicos. A metodologia usada e o índice que sinaliza o controle variam em função de alguns fatores, como o técnico executor, o local da propriedade e o destino da laranja.

PRODUTO EXPORTADO

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de suco de laranja. Os Estados Unidos, maior consumidor do produto, compram cerca de 15% da produção brasileira. No entanto, a Europa e o Japão são os principais importadores. O Brasil exporta 90% do suco de laranja que produz. "Como nosso maior foco é a exportação, temos sempre que atender à legislação de vários países. Isso aumenta o número de testes e checagens e melhora o controle de toda a cadeia. Todas as laranjas usadas para fazer suco têm um histórico de tudo que foi aplicado. Ainda assim, cada partilha de suco passa por testes de resíduos antes de ser comercializada. Isso não ocorre em produtos que não têm seu foco em exportação", diz Lima.

Segundo os exportadores, a própria legislação brasileira e o controle do uso de agrotóxicos feito pela Anvisa são rigorosos. "Temos que destacar que existe um comitê de defensivos para citros que acompanha e cadastra somente os produtos registrados em outros países que importam nossos sucos. Mesmo assim, a lista de defensivos permitidos é muito extensa", afirma Lima. Ele esclarece que o uso correto dos defensivos não provoca riscos à saúde humana. "Os agrotóxicos passam por muitos testes, inclusive no Ibama, para certificação ambiental do seu uso na cultura de citros", completa.

Lohbauer explica que o Brasil exporta o suco *commodity*, ou seja, o produto é exportado a granel em navios-tanques para os engarrafadores, que fazem suas misturas de acordo com seus produtos. Nos Estados Unidos, por exemplo, o suco concentrado brasileiro é misturado ao suco produzido no Estado da Flórida. Segundo o presidente da CitrusBR, nos últimos dez anos, as exportações do suco, em volumes, estão estáveis. "Já em relação a valores, há uma grande volatilidade nos preços dependendo da oferta e da demanda do produto", observa.

QUER CONTRIBUIR COM O DEBATE SOBRE O ABASTECIMENTO ALIMENTAR?

A EQUIPE DA REVISTA ABASTECER BRASIL ESTÁ PRONTA PARA ESCUTAR AS SUAS IDEIAS!

Este espaço foi criado para você, leitor, dar a sua opinião sobre os assuntos abordados na revista. Você também pode:

- **Sugerir pautas para as próximas edições**
- **Comentar as reportagens**
- **Fazer perguntas aos repórteres**
- **Enviar críticas e elogios**

Entre em contato conosco pelo e-mail:
revistaabastecerbrasil@abracen.org.br

Ou por carta para:
Revista Abastecer Brasil
Prédio Administração CeasaMinas
Rodovia BR-040 – Km 688
Bairro Guanabara – Contagem/MG
CEP: 32.145-900 – Caixa Postal: 1211

O material recebido pela redação pode ser editado, sem prejuízo do conteúdo, para que seja possível publicar mais mensagens.

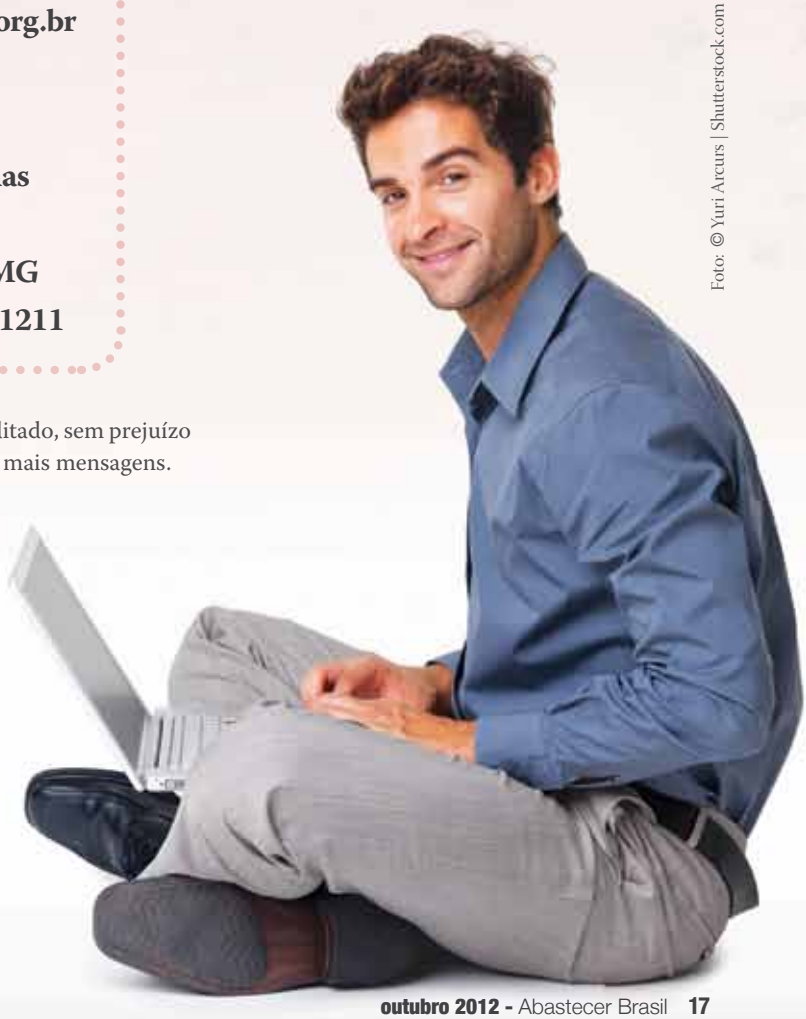


Foto: © Yuri Arcurs | Shutterstock.com

É HORA DE MESCLAR

HÁ 31 ANOS NA CEASA-GO, JOSUÉ LOPES SIQUEIRA DEFENDE A CONVIVÊNCIA ENTRE ANTIGOS E NOVOS PROFISSIONAIS PARA QUE AS CEASAS NÃO PAREM DE CRESCER

Por VINÍCIUS MATTIELLO

Em 1975, quando foi à festa de inauguração da Central de Abastecimento de Goiás a convite de um amigo, Josué Lopes Siqueira não imaginava que, seis anos depois, começaria a trabalhar na empresa – e nela faria sua carreira profissional. No dia 9 de outubro, ele completou 31 anos na Ceasa-GO, onde já foi orientador de mercado, chefe da extinta Seção Técnica e presidente da Comissão Permanente de Licitação.

Atualmente, Josué é gerente da Divisão Técnica, membro da Comissão Permanente de Licitação e, ainda, presidente da Associação dos Servidores. "Antes da Constituição de 1988, era possível engajar no serviço público por indicação. Foi o meu caso, apesar de ter sido submetido a uma prova escrita", lembra Josué, formado em Licenciatura Plena em Letras e em Teologia pela Universidade Federal de Goiás.

Antes de entrar na empresa, Josué era professor em escolas públicas de Goiás e, também, atuava no comércio de imóveis. Hoje, com 59 anos, ele está satisfeito com a troca que fez. "Passei a gostar muito do que faço, adquiri uma experiência muito grande da significância da Ceasa-GO, da complexidade do mercado, das oscilações de preço, da sazonalidade, das intempéries do tempo, enfim, da comercialização em geral", compartilha.

Ao longo dos 31 anos, Josué participou de projetos importantes para a Ceasa-GO. Mas não são apenas os feitos profissionais que marcaram a sua passagem pela empresa. "Fiz grandes amigos e companheiros de trabalho. Alguns se desligaram do quadro, outros já partiram", fala. E ele faz questão de citar nomes: "Wilson, João Carlos, Martiniano, Ronaldo, Aciole Júnior, Tácito, Wolney, Ervandélio, Toshimith, Salvador, Edvaldo...."

EXPLOSÃO DE CRESCIMENTO

A pedido da *Abastecer Brasil*, Josué Lopes Siqueira voltou no tempo para listar as diferenças entre a Ceasa-GO de hoje e de 30 anos atrás. Os itens apontados por ele provam que a empresa passou, como ele mesmo diz, por uma "explosão de crescimento."

1. O volume comercializado mais que quintuplicou. Houve um incremento na produtividade da agricultura de Goiás no setor de hortifrútis.
2. Hoje, somos o principal mercado da Região Centro/Norte do país. Além do comércio interno, nosso Estado é um grande exportador do gênero para várias regiões do Brasil.
3. A Ceasa de Goiás tornou-se o 4º maior mercado do Brasil em volume de comercialização.
4. O número de pessoas que circulam aqui no mercado nos dias de comercialização já passa de 15 mil por dia. É um formigueiro humano.
5. A expansão da área de comercialização foi em torno de 40% comparando-se ao plano original.
6. Informatização do complexo administrativo em todas as áreas.

Foto: Arquivo Pessoal

> “CADA PASSO DO DESENVOLVIMENTO DA CEASA-GO TEVE A PARTICIPAÇÃO DE CADA SERVIDOR”

ENTREVISTA

1. *Em quais projetos importantes da Central de Abastecimento de Goiás o senhor participou?*

Participei da mudança das embalagens, da mudança da famosa Caixa K (de madeira) para a caixa plástica. Hoje, o uso da caixa plástica é de praticamente 100%. A exceção ainda está por conta do engradado do repolho, para o qual já foi concluído o estudo para a implantação de uma embalagem plástica específica. Na área de estatística, onde tenho atuado desde o começo das minhas atividades, tive participação direta no desenvolvimento do *software* (planilhas, relatórios etc.).

2. *O que é preciso fazer para desenvolver as centrais de abastecimento?*

A Ceasa-GO subsiste de recursos próprios, o que não é suficiente para promover a expansão da área de comercialização. Modernização do mercado, sinalização, fluidez do trânsito, etc. demandam altos investimentos. Precisaríamos de recursos do tesouro estadual para essas implantações.

3. *Quais as demandas mais urgentes do setor?*

Uma bandeira antiga que temos levantado é a questão da sanidade dos produtos comercializados. A necessidade de termos um laboratório para a análise de resíduos de agrotóxicos. Hoje, temos percebido uma grande preocupação de vários segmentos da sociedade, principalmente do setor público agrícola do Estado, o qual tem aberto discussões visando sanar essa situação e, dessa forma, dar uma satisfação para a sociedade no sentido de proporcionar um selo de qualidade dos produtos que são comercializados no mercado.

4. *Pensando em toda a sua trajetória na empresa, qual a sua primeira lembrança?*

As dificuldades de deslocamento de casa para o trabalho pelo fato de a Ceasa-GO ser bem afastada do centro da cidade. O transporte coletivo era extremamente difícil. Na época da faculdade, levantava muito cedo e tomava o coletivo para o *campus* universitário, que também era longe. Depois das 11 horas, deslocava-me para o centro da cidade e tomava outra condução para o trabalho. Tinha que bater o ponto ao meio-dia. Hoje, a situação é outra, com condução própria e sem a correria da sala de aula. Novos tempos e, relativamente melhores.

5. *Você fez amigos na empresa?*

Inúmeros amigos. Foram amizades que surgiram do relacionamento diário com todos os segmentos do mercado, empresários, produtores, funcionários das empresas, pequenos comerciantes, carregadores, ambulantes e outros. É comum, longe do ambiente do mercado, encontrar com essas pessoas com aquele cumprimento alegre e festivo. Isso é muito bom. Eu e meus colegas de trabalho nos tornamos amigos e irmãos, pois a convivência é maior do que com a própria família.

6. *Você acredita que a população brasileira conhece e valoriza as centrais de abastecimento?*

Rotineiramente, recebo em nossa central grupos de acadêmicos de vários cursos, como agronomia, nutrição, agronegócio, engenharia de alimentos, gastronomia, secundaristas e até alunos do ensino fundamental. Pergunto sobre a Ceasa e 99% dizem não conhecer. Alguns já ouviram falar. As Ceasas precisam ser mais exploradas pela população no sentido de serem divulgadas.

7. *Como aliar os conhecimentos dos antigos e novos profissionais em benefício do setor?*

O primeiro passo é um treinamento para os novos profissionais que estão chegando e os que ainda virão. Os antigos necessariamente vão se adequando às novidades do mercado. Mas chegará o momento de retirarem-se do contexto e levarem consigo a grande gama da experiência adquirida que somente o tempo pode promover. Somente o tempo é capaz de construir os grandes profissionais que hoje as Ceasas do Brasil possuem. Mas, como eles não são eternos, é hora de começarem a se mesclar aos novos para que esses aprendam e deem continuidade ao processo evolutivo do mercado de hortifrutigranjeiros no país.

O PAPEL DA GESTÃO DE DOCUMENTOS

GEOVAN DA SILVA PEREIRA[1]
MARIA DAS GRAÇAS OLIVEIRA MOREIRA[2]

A informação sempre teve papel fundamental no desenvolvimento da humanidade. Desde os primeiros registros nas cavernas até os dias de hoje, mais sucesso conquista quem de forma eficaz a registra e a utiliza. A evolução dos povos na geração de tecnologias só decolou a partir do momento em que começamos a registrar nossos feitos e, assim, avançamos da "reinvenção da roda".

Essa importante ação de registrar é também hoje a confirmação da ocorrência de atos administrativos de órgãos públicos. Só vale o que está documentado! E considerando que entre as centrais de abastecimento brasileiras somente a Ceagerp de São José do Rio Pardo é privada, logo, todas as outras, governamentais, dependem desse 'registrado'.

Mais conhecido como documento - o que não necessariamente é um papel, pode ser eletrônico, um vídeo, um áudio, um objeto tridimensional etc. -, carrega em si provas jurídicas, administrativas e/ou da história de tudo que ocorreu ou que poderá/deverá ocorrer. A professora de Diplomática da Universidade da Columbia Britânica (Canadá), Luciana Duranti, em seu livro "Registros Documentais Contemporâneos" (1994), diz que "de fato, os registros, além das necessidades do direito e da história, servem à 'transparência das ações', um novo e atraente nome para o que mais tradicionalmente constitui a obrigação de prestar contas tanto do ponto de vista administrativo quanto histórico". Permita-nos afirmar que uma das ações mais importantes dos funcionários públicos, se não a mais importante, é a de documentar!

Entretanto, acontecem centenas (ou milhares) de atos administrativos diariamente em cada departamento estatal com seus respectivos registros. A guarda de todos esses documentos torna-se praticamente impossível e desnecessária, vista a variação de conteúdo e de finalidade, alguns com a necessidade de serem preservados para sempre, outros, por muitas primaveras, mas há também aqueles que devem ser guardados apenas por poucos anos, meses, ou dias. A guarda sem critérios de todos os documentos feriria os princípios constitucionais da eficiência e da economicidade.

Vale observar que é preciso que sejam documentados os atos sem prejuízos comprobatórios, mas também sem excessos. Não é razoável gerar cinco cópias de cada documento (dos milhares) para segurança, assim como não é a um engenheiro projetar uma base estrutural para um prédio de 20 andares se a construção será apenas de cinco.

Para superar todos esses desafios, a Constituição de 1988 determina, em seu art. 216, §2º, que cabe à administração pública a gestão dos documentos públicos. A gestão de documentos é definida na Lei 8.159/1991, art. 3º, como "O conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à sua produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento em fase corrente e intermediária, visando à sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente." E também diz em seu art. 1º: "É dever do Poder Público a gestão documental e a proteção especial a documentos de arquivos, como instrumento de apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e como elemento de prova e informação".

Infelizmente, no Brasil, até pela herança da obscuridade do regime militar, desenvolveu-se uma cultura na administração pública de não transparência e o não zelo pelos documentos é a sua mais autêntica manifestação. "[...] os órgãos públicos reservam o pior lugar que têm para guardar os documentos. Nunca é um lugar nobre", afirma Carlos Bacellar, professor de História da USP, em entrevista ao Grupo Estado. Bacellar acrescenta que, se conversarmos com funcionários públicos mais antigos, logo afirmarão que este espaço, chamado precisamente de arquivo-morto, era estrategicamente utilizado para deslocar funcionários como forma de punição ou perseguição. Um lugar sem investimentos, com documentos que pouco registravam aquele momento da história, poeira, ratos, traças, pessoas insatisfeitas, coisas velhas, enfim, arquivo, o patinho feio da administração!

Mas, hoje, os tempos são outros, ainda que a gestão de documentos da administração pública brasileira esteja engatinhando se comparada com a de países como Canadá, Austrália, ou Suécia, que contemplam como resultado governos altamente transparentes e eficazes no uso do dinheiro público (controle das informações e precisão ao acessá-las são indispensáveis). Aqui no Brasil, nunca se preocupou tanto com os documentos e com a transparência. Prova disso é a Lei 12.527/2011, conhecida como a Lei de Acesso à Informação, na qual o acesso aos documentos públicos passa a ser a regra, e o sigilo, a exceção, desde que justificado, e não o contrário, como o costume apontava. Mas como

Imagem: © Digital Genetics | shutterstock.com

dar acesso aos documentos se nem a própria administração sabe onde estão? Como disse o ministro-chefe da Controladoria Geral da União – CGU, Jorge Hage Sobrinho, durante o 7º Seminário Internacional de Arquivos de Tradição Ibérica, essa norma provocará "[...]mudanças no processo de gestão e divulgação da informação, exigindo que a administração reveja rotinas e práticas". É mais uma vez a lei convocando a Gestão de Documentos para entrar em campo!

Na grande maioria das instituições públicas federais, o que se vê é uma corrida na modernização dos arquivos, profissionais especializados, investimentos em tecnologias para gerenciamento e acesso, infraestrutura para preservação e o principal: autoridades empenhadas em fazer da Gestão de Documentos o diferencial de suas administrações, inclusive vinculando-a aos altos níveis hierárquicos nos organogramas, como é o caso do Ministério do Planejamento, em que está ligado diretamente à Secretaria Executiva.

Toda essa atenção com os arquivos e a gestão de documentos não se deve somente pela lei de acesso ou a importantes políticas de transparência anteriores. Também é consequência do fato de esses órgãos já se cansarem de tomar decisões sem se ter informações exatas ou atualizadas, de perder ações judiciais por não encontrar documento comprobatório de um ato ou outro, de fazer projeto que já se tenha feito, mas desaparecido, de refazer estudos nos quais informações importantíssimas tenham sido negligenciadas por achá-las somente depois de finalizados, ou, ainda, de colocar funcionários (ou até setores inteiros) por horas ou dias procurando documentos com atrasos e sumiços transformados em prejuízos.

A gestão de documentos não é "apenas" um importante instrumento de transparência para prestação de contas. Se assim o fosse, a iniciativa privada não investiria tanto. Mas é também um suporte informacional que as empresas, inclusive as estatais, necessitam para a tomada de decisão sobre assuntos cada vez mais complexos. Precisão é fundamental! Igualmente, sem o controle de seus 'registros,' essas organizações expõem à própria sorte a segurança jurídica de seus atos. Só vale o que está documentado! E o usufruto de uma gestão documental deve ser um dos alicerces de nossas centrais de abastecimento tupiniquins rumo à almejada modernização dos entrepostos, da relação com seus permissionários e na minimização dos obstáculos do abastecimento alimentar.

[1] Analista de Ciência da Informação na CeasaMinas
[2] Chefe da Gestão de Documentos da CeasaMinas

DERRUBANDO MITOS: HIDROPÔNICO É IGUAL A ORGÂNICO?

Por ALESSANDRO CONEGUNDES

Em uma época na qual as pessoas têm procurado uma alimentação saudável, priorizar alimentos naturais e sem agrotóxico vem sendo uma realidade recorrente. A hidroponia consiste em cultivar as plantas sem o uso do solo, onde será fornecida uma solução nutritiva balanceada com água e todos os nutrientes essenciais ao desenvolvimento da planta. A dúvida sobre a existência e uso frequente do agrotóxico no meio hidropônico é resistente. Assim sendo, resta esclarecer: orgânico e hidropônico são a mesma coisa? Quais as diferenças?

A hidroponia é uma técnica de origem oriental difundida na época da 2ª Guerra Mundial que permite o desenvolvimento de plantas na água. Nela, estão misturados os elementos químicos necessários, como o fósforo e o potássio. A vantagem do método é evitar pragas que, normalmente, se transmitem pelas raízes. Além disso, o cultivo é feito em ambientes fechados, menos sujeitos a mudanças climáticas.

O termo hidroponia, atesta o técnico Adejar Marinho, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Hortaliças), vem do grego *hydro,* que é equivalente à água, e *ponos,* ao trabalho. A origem da técnica remonta às grandes civilizações da antiguidade como os mesopotâmios e chineses, mas o termo só veio a ser empregado em 1935 pelo professor da Universidade da Califórnia Dr. William Frederick Gericke, responsável por grandes avanços na sua utilização comercial.

Durante as décadas de 60 e 70, foram desenvolvidos os primeiros pilotos de uso comercialmente expressivo da hidroponia. A partir do sucesso da Holanda nos anos 80, a prática rapidamente difundiu-se pela Europa. No Brasil, a disseminação começou a partir de 90, mas ainda está em pleno desenvolvimento no país, sendo um forte nicho de mercado emergente.

Várias espécies podem ser cultivadas através da hidroponia, como: pepino, berinjela, agrião, rúcula, salsa, couve, repolho, feijão-vagem, brócolis, tomate, morango, mudas para silvicultura, plantas ornamentais, etc. Teoricamente, qualquer planta pode ser cultivada com esta técnica.

O técnico agrícola Adejar Marinho, explica que os conceitos de hidropônico e orgânico são confundidos a todo o momento, já que a pessoa que é leiga não conhece a técnica de cada um.

O hidropônico pressupõe, conforme reza seu próprio nome, que as culturas envolvam água. O que ele deixa claro, entretanto, é que a água é frequentemente utilizada, embora nem sempre ela seja o meio de cultivo.

Foto: © Cammeraydave | Dreamstime.com

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O QUE É UM ALIMENTO ORGÂNICO?

Para ser considerado orgânico, o produto deve ser cultivado em um ambiente que considere sustentabilidade social, ambiental e econômica e valorize a cultura das comunidades rurais. A agricultura orgânica não utiliza agrotóxicos, hormônios, drogas veterinárias, adubos químicos, antibióticos ou transgênicos em qualquer fase da produção.

QUAL A DIFERENÇA ENTRE ORGÂNICOS E HIDROPÔNICOS?

Alimentos hidropônicos têm um processo de produção diferente ao processo proposto pela agricultura orgânica. Na hidroponia, podem ser utilizados agrotóxicos. Os hidropônicos são caracterizados pelo cultivo direto na água, enquanto a agricultura orgânica trabalha com o solo como organismo vivo. Na hidroponia, fertilizantes altamente solúveis, proibidos pela agricultura orgânica, são colocados na água e absorvidos pelas raízes das plantas.

PODEMOS ENCONTRAR PRODUTOS ORGÂNICOS SEM O SELO BRASILEIRO?

Desde janeiro de 2011, todo produto orgânico comercializado em lojas e mercados tem que apresentar o selo brasileiro em sua embalagem.

Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Fotos: Alessandro Conegundes

MODERNIDADES IMEDIATAS EM CEASAS

IVENS ROBERTO DE ARAÚJO MOURÃO *

Todos sabem que os principais entrepostos já são quarentões, pois foram implantados nas décadas de 60 e 70 do século passado. Como tal, estão carentes em muitos aspectos, tanto pelo tempo decorrido como por não acompanharem os grandes avanços do país, que transformaram-nos de subdesenvolvidos para a quinta economia global.

O setor de frutas e hortaliças passou por profundas alterações em todo o canal de comercialização. A produção teve progressos graças aos esforços da pesquisa agrícola e a irrigação mudou o perfil da produção em muitas regiões, demandando mais espaços comerciais. O atacado expandiu-se e surgiram os megacomerciantes que atuam no país inteiro e necessitam de grandes áreas para operacionalizar nas centrais.

Outra destacada modernização ocorreu no segmento do varejo na década de 1970. Houve o total despertar dos supermercados para a venda dos hortigranjeiros, graças a um seminário ocorrido na Ceasa de Minas Gerais (1978), logo se repetindo nas demais centrais do país.

Hoje, estamos impotentes para atender às necessidades atuais de áreas.

"ESTAMOS IMPOTENTES PARA ATENDER ÀS NECESSIDADES ATUAIS DE ÁREAS"

As nossas infraestruturas estão superadas e os antigos projetos arquitetônicos não atendem mais às solicitações de novas áreas, movimentação mecânica de cargas, estacionamentos, circulação, materiais construtivos e, principalmente, expansão de outros setores. São gritantes as necessidades de novos entrepostos em São Paulo, Brasília, Grande Fortaleza, Natal, Cariacica (ES), entre outras.

Para complicar ainda mais, o sistema nacional parou no tempo quando o Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento (Sinac) foi extinto em 1988. As modernidades foram pontuais e isoladas. Pouco avançamos na embalagem e uma exigência moderna – a rastreabilidade - ainda está longe de se generalizar. Não é exagero quando, na década passada, em um encontro internacional, um técnico estrangeiro classificou nossos mercados como arcaicos.

Louve-se o esforço da Abracen, que resultou na proposta do PNA – Plano Nacional de Abastecimento. Esperamos que não seja apenas um conjunto de boas ideias, mas que se torne uma política nacional que viabilize a modernização e canalize investimentos.

Mas, como dizia Nelson Rodrigues: "Vamos sentar no meio-fio e chorar". Em absoluto. Devemos sempre buscar o melhor possível. Existem alguns setores que podem se modernizar desde já.

Um campo que temos avançado bastante é o setor de informática. Contamos com um corpo técnico muito bom e que poderia se expandir ainda mais se houvesse uma colaboração maior entre as nossas centrais, socializando e universalizando os avanços. Devemos buscar uma modernização do processo de coleta de dados de oferta. Os romaneios de entrada merecem um estudo na busca da identificação digital dos lotes de cargas e com leitura automática. Além de trazer maior confiabilidade nas informações, será um excelente instrumento na viabilização da rastreabilidade.

Nossa coleta de preços também já pode utilizar as modernidades da informática, além da sua disseminação imediata através de celulares, sites, painéis, etc.

O banco de caixas deve ser encarado como uma necessidade básica. A sua viabilidade em todos os nossos mercados será de grande importância na redução da propagação de doenças para as lavouras, inclusive tornando o processo comercial mais ágil. A própria iniciativa privada poderá se responsabilizar pelos investimentos e pela operação.

Podemos utilizar, como em algumas centrais, a alternativa de Parceria Público-Privada (PPP) na ampliação de áreas comerciais.

A geração de energia solar ou eólica é uma opção perfeitamente viável, pois o país dispõe de tecnologia e de experiência.

*Engenheiro civil e especialista em projeto, construção e operação de Ceasas

São projetos que se autofinanciam com as economias resultantes da compra de energia convencional.

Todas as Ceasas caracterizam-se pelas suas grandes áreas cobertas e urbanizadas. Ou seja, grandes superfícies coletoras de água de chuva, que poderiam ser armazenadas estrategicamente e utilizadas para lavagem de galpões ou de sanitários, reduzindo o consumo de água tratada ou de lençóis freáticos, e, também, facilitar a absorção para o lençol freático.

Devemos incentivar a paletização das embalagens, que facilitariam a movimentação de mercadoria com o uso de empilhadeiras e paleteiras. Para tanto, devemos redesenhar nossos *layouts* dos galpões abertos, transformando nossos tradicionais módulos de 2,0 x 2,0m (4,0 m²) para módulos de 2,0 x 2,4m (4,8 m²) capazes de comportar quatro páletes (1,0 x 1,2m).

Em toda e qualquer reforma, utilizar os novos materiais construtivos, como telhas que possibilitam isolamentos térmicos e acústicos, divisórias cimentícias, estruturas pré-moldadas etc.

Outra característica de Ceasa são as suas grandes áreas iluminadas, tanto de galpões como do sistema viário. São necessárias, pois o forte da comercialização acontece no horário noturno. Consequentemente, os custos são altos, tanto de consumo como de manutenção. A tecnologia hoje disponibiliza lâmpada que é um diodo emissor de luz de alta eficiência, com capacidade de retransmitir em forma de luminosidade quase 80% da energia aplicada, resultando em economia. Outro ponto importante é seu benefício em relação ao meio ambiente, pois não possui metais pesados. Além das vantagens de alta durabilidade, baixa manutenção, acendimento instantâneo, aproveitamento das luminárias atuais, fidelidade de cor etc. É um investimento que se paga com a economia obtida.

Ou seja, temos muito a fazer, sem necessitar ficar chorando, sentado no meio-fio, como um personagem de Nelson Rodrigues.

MISSÃO: PNA

SECRETÁRIO DE POLÍTICA AGRÍCOLA, CAIO ROCHA, ANALISA DOCUMENTO QUE DEFENDE A RETOMADA DE UMA VISÃO SISTÊMICA PARA AS CENTRAIS DE ABASTECIMENTO

Por VINÍCIUS MATTIELLO

Dirigentes de centrais de abastecimento do Brasil estiveram no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), em junho, para apresentar a proposta do Plano Nacional de Abastecimento (PNA). O documento sugere um conjunto de ações governamentais a serem adotadas, visando à promoção e ao desenvolvimento do abastecimento e da segurança alimentar e nutricional no país.

O secretário de política agrícola, Caio Rocha, recebeu o PNA em mãos e já avaliou a proposta. "O documento foi analisado pela secretaria, que o considerou bastante amplo e trabalha, agora, para agrupar os diversos assuntos e dar inicio à sua implantação", afirma. Para que as propostas de modernização avancem e se tornem realidade, devem ser criados grupos de trabalho com a participação de diversos órgãos, incluindo a Abracen.

O ponto de partida sugerido pelo PNA é a criação de um órgão capaz de articular as ações das centrais de abastecimento e criar uma diretriz macroestratégica para o abastecimento nacional. "Entendo que a criação de uma estrutura como essa é um debate a ser realizado. Mas acho possível que, enquanto não a estruturamos, a Secretaria de Política Agrícola, juntamente com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), coordene os encaminhamentos propostos no PNA", avalia Caio Rocha.

Fotos: Cláudio Fernandes

Presidente João Alberto e demais membros da Abracen entregaram PNA ao secretário Caio Rocha no dia 5 de junho

PROPOSTAS

As ações sugeridas no PNA incluem a diversificação das centrais de abastecimento, a criação de normas nacionais de classificação de frutas, legumes e verduras e a integração entre os mercados atacadistas e as feiras livres e os mercados municipais. Conheça algumas propostas.

GUIA DE BOAS PRÁTICAS

Elaboração de um manual para orientar sobre o fornecimento de alimentos seguros ao consumidor. Para aumentar a confiança da sociedade e o número de clientes, é sugerida a criação de um selo de qualidade para as centrais de abastecimento.

ASSISTÊNCIAS TÉCNICAS

Criação de um serviço nacional de assistência técnica rural para garantir competitividade aos produtores familiares. Por meio de capacitação pós-colheita, será possível aperfeiçoar processos como controle de qualidade e redução de perdas.

EDUCAÇÃO NUTRICIONAL

Incentivo ao acesso regular e permanente ao alimento com quantidade e qualidade suficientes. As centrais de abastecimento devem ser agentes importantes no combate aos problemas de saúde derivados da má alimentação, como a obesidade.

IGP-HORT BRASIL

Desenvolvimento do Índice Geral de Preços de Hortigranjeiros no âmbito dos mercados atacadistas com a utilização de metodologia única para todos os entrepostos. Essas informações são estratégicas para produtores e comerciantes.

TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO

Produção de meios de acesso do produtor rural a informações como preço e oferta. A queda no custo dos instrumentais tecnológicos e o aumento do número de usuários tornam o cenário da tecnologia de informação favorável, inclusive no campo.

GESTÃO AMBIENTAL

Adoção de ações ambientais nos mercados atacadistas para minimizar o impacto das suas atividades no meio ambiente. A comercialização nas Ceasas gera grande quantidade de resíduos sólidos e efluentes, que podem provocar problemas ambientais.

O texto do PNA foi elaborado em conjunto por diversos técnicos. Para o presidente da Abracen, João Alberto Paixão Lages, essa é uma grande oportunidade para a revitalização das centrais de abastecimento. "O PNA não é benéfico apenas para um mercado, um município ou um Estado. Ele vai trazer benefícios para todo o Brasil e, por isso, nada mais natural que tenha contado e continue contando com a colaboração de todos", afirma.

O PNA é composto por 23 capítulos e apresenta propostas que vão desde a rastreabilidade dos produtos hortícolas até a adequação de embalagens, passando pela criação de universidades corporativas. "A proposta reflete de maneira bastante clara as demandas dos dirigentes das Ceasas, principalmente quanto à necessidade de novo modelo de funcionamento, mais articulado e eficiente e com maior capacidade de atuação nas funções de abastecimento", resume Caio Rocha.

Entre os temas abordados, o secretário destaca a proposta de Recuperação das Centrais de Abastecimento – Receasa. "Essa é, sem dúvida, a que fará um diferencial na evolução da estrutura física, da logística e, principalmente, da cadeia do frio", justifica. Segundo a proposta, as Ceasas precisam ser centros eficientes de recebimento, consolidação e distribuição, uma vez que trabalham com produtos frescos.

Por meio do estabelecimento de padrões mínimos para o funcionamento de uma central de abastecimento e da criação de um fundo e de um programa de financiamento, o Receasa também tem a intenção de transformar os entrepostos em centros de informação, desenvolvimento e capacitação, além de um local de apoio aos pequenos produtores, varejistas e serviços de alimentação, favorecendo a concorrência leal.

ACESSE A ÍNTEGRA DO PNA NO SITE DA ABRACEN: http://www.abracen.org.br/pna/pna.pdf

PNA SOB A ÓTICA DAS CENTRAIS DE ABASTECIMENTO DO BRASIL

23	capítulos
21	autores e coautores
16	colaboradores
30	Ceasas colaboradoras
5	entidades colaboradoras
ABRACEN	Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
FERBRAS	Companhia Brasileira de Entrepostagem e Agronegócios
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
FAO (CHILE)	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação

REGIONALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

A IMPORTÂNCIA DOS ENTREPOSTOS REGIONAIS PARA A IMPLANTAÇÃO DE UMA POLÍTICA DE ABASTECIMENTO E DE SEGURANÇA ALIMENTAR

CARMO ROBILOTTA ZEITUNE*

Foto: © rudall30 | Shutterstock.com

"OS MERCADOS REGIONAIS DEVEM ALAVANCAR UMA POLÍTICA MUNICIPAL DE ABASTECIMENTO."

A interiorização dos entrepostos atacadistas foi iniciada ainda dentro da vigência do Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento – Sinac, cujo objetivo central apontava para a perspectiva de fortalecimento e fomento da produção de hortaliças e frutas regionais e para a descentralização das atividades operacionais dos grandes mercados.

Os resultados não asseguram, na maioria dos casos, que essas proposições foram alcançadas, mas, mesmo assim, cabem algumas reflexões sobre isso!

Passadas algumas décadas desse movimento de regionalização, é importante identificar os eventuais benefícios, mas talvez não estejamos percebendo que esses mercados podem (e devem) exercer um papel de maior relevância além daquele anteriormente definido para o contexto da cadeia produtiva.

Além do desafio de responder às metas tradicionalmente concebidas, é de fundamental importância que os entrepostos regionais alarguem seus horizontes institucionais buscando interagir de forma decisiva no contexto do abastecimento dos municípios. Isso significa que, além do protocolo convencional de gestão, esses mercados passam a assumir uma postura institucional voltada para alavancar uma política municipal de abastecimento e segurança alimentar em parceria com os órgãos públicos e com as instituições sociais.

Essas ações, quando integradas e articuladas no âmbito municipal, nos intercâmbios estaduais e nacionais, se tornam condicionantes fundamentais para garantir a viabilidade dessas iniciativas, potencializando seus resultados e garantindo à população o acesso a uma alimentação adequada, saudável e em quantidade suficiente, em especial, àquela parcela com insuficiência de renda e em risco social.

Essas propostas podem ser materializadas por meio de um Programa Integrado de Abastecimento e Segurança Alimentar capitaneado pelos entrepostos regionais em cooperação e em parceria com os órgãos públicos locais. O programa pode significar um extraordinário avanço aos conceitos primários das unidades regionais e se apresenta como um novo desafio na busca de uma identidade mais participativa das próprias empresas Ceasas no universo do abastecimento, da segurança alimentar e nas relações com a sociedade.

Como roteiro estratégico para viabilizar o Programa Municipal de Abastecimento e Segurança Alimentar, é importante conhecer e aferir os resultados dos projetos e ações já desenvolvidos e implantados pelas administrações municipais por meio de seus órgãos executores de comercialização, de abastecimento e de amparo social através de um amplo diagnóstico cujos resultados servirão de subsídios ao direcionamento e à priorização de suas futuras ações e novos projetos.

Além desse foco programático, o programa municipal deverá estabelecer o envolvimento necessário com outras áreas sociais da prefeitura municipal, em especial a educação e a saúde, dentro do pressuposto de que o abastecimento alimentar está diretamente vinculado ao desempenho dessas políticas.

Ainda no contexto dessas iniciativas, é importante que o programa oriente o gerenciamento participativo dos Equipamentos Públicos Municipais como forma de se alcançar impactos qualitativos no manuseio dos produtos e a formação dos preços praticados no varejo privado, com mensuração dos ganhos pelos seus beneficiários. A transparência, a sustentabilidade e a construção de parcerias com associações privadas e instituições públicas contribuem para a redução dos preços dos gêneros alimentícios no perímetro de influência desses mercados.

Essas ações integradas e de planejamento com outros órgãos das administrações municipais tendem resultar na ampliação dos projetos para a comercialização e para o abastecimento alimentar que, aliados a um serviço eficiente e permanente de informação e orientação aos consumidores, podem estabelecer maior interatividade nas ações com o mercado de alimentos exercitando a prática de acompanhamento de preços, identificação das sazonalidades, conteúdo nutricional, entre outros.

Na esteira dos avanços esperados, o Programa Municipal de Abastecimento e Segurança Alimentar deverá adotar alguns mecanismos de gestão que possam contribuir para a consolidação da ampliação das funções originais dos mercados atacadistas regionais, especialmente aqueles que venham agregar alternativas concretas para garantir a disponibilidade de alimentos com qualidade sanitária e nutricional originários de uma agricultura sustentável.

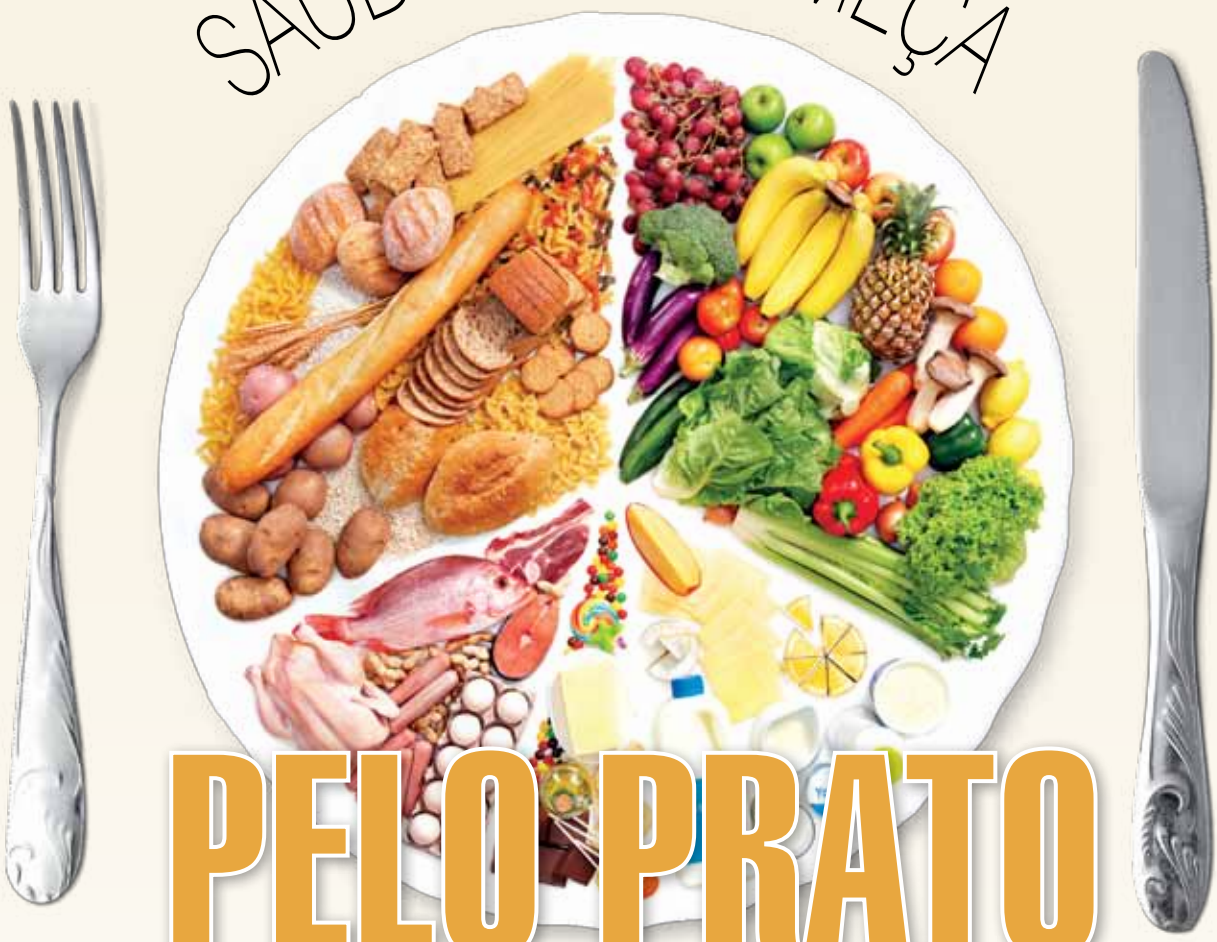
A rotina operacional certamente irá (e deverá) continuar nesses nossos mercados, mas precisamos estar atentos, pois, em pouco tempo, a simples gestão operacional não será mais suficiente diante do potencial das demandas sociais que as comunidades locais passarão a apresentar e exigir soluções dos órgãos públicos.

O avanço qualitativo esperado das novas funções dos entrepostos regionais passa pelo estímulo que deverá ser proporcionado pelas empresas Ceasas. Mas, para isso, é fundamental que elas internalizem esses novos conceitos e assumam junto aos seus mercados regionais o compromisso e o aval necessários para que esses avancem com seus parceiros locais na implementação das políticas públicas para o abastecimento e segurança alimentar.

*Diretor técnico-operacional da Ceasa/ES

Foto: © Aurinko | Dreamstime.com | © Okea | Dreamstimecom

SAÚDE QUE COMEÇA PELO PRATO



CEASAS SE UNEM A TRÊS MINISTÉRIOS E ENTIDADES REPRESENTATIVAS PARA ESTIMULAR CONSUMO DE FRUTAS E HORTALIÇAS. NO PAÍS, MENOS DE 20% DOS ADULTOS CONSOMEM O MÍNIMO RECOMENDADO PELA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS)

Por VERLAN ANDRADE

Produtores rurais, atacadistas e varejistas que se abastecem nos 72 entrepostos do país deverão desempenhar um papel essencial para estimular o consumo de frutas e hortaliças no país. Eles constituirão os públicos-alvos de uma campanha a ser lançada neste ano sobre o tema, sob a responsabilidade dos ministérios da Saúde (MS), do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Instituto Brasileiro de Horticultura (Ibrahort), Confederação Brasileira das Associações e Sindicatos de Comerciantes em Entrepostos de Abastecimento (Brastece) e Abracen.

O envolvimento intersetorial justifica-se. Afinal, conforme a pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), divulgada pelo MS

neste ano, de cada dois brasileiros, praticamente um apresenta excesso de peso, o que inclui as pessoas com sobrepeso e obesidade. Considerando a incidência apenas de obesos na população brasileira, em mais de três décadas (1975-2009) os percentuais passaram de 2,8% entre os homens e 7,8% entre as mulheres para 12,5% e 16,9%, respectivamente.

Os números carregam junto o aumento da ocorrência de doenças crônicas não transmissíveis, responsáveis por 72% das causas de mortes no Brasil, tais como as cardiovasculares, diabetes e alguns tipos de cânceres, segundo o Ministério da Saúde.

> “Percentual de homens obesos passou de 2,8% para 12,5% em três décadas, segundo MS.”

Boa parte do problema está ligada ao padrão de consumo alimentar dos brasileiros, marcado pela ingestão de alimentos com baixo teor de nutrientes e alto teor calórico, com participação maior de produtos ricos em açúcares, sal e gordura. Ao mesmo tempo, apenas 18,2% da população adulta consome o mínimo de 400 gramas por dia de frutas e hortaliças, recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), de acordo com a pesquisa da Vigitel. Entre os homens, esse índice é menor (15,4%) que entre as mulheres (20,5%).

Dessa forma, a campanha de incentivo ao consumo de frutas e hortaliças deverá gerar resultados em diferentes frentes, conforme lembra o diretor Técnico-Operacional da CeasaMinas, Edilberto José da Silva. Além do benefício claro à saúde e qualidade de vida do brasileiro, ele ressalta que o mercado de hortifrútis tem tudo para ganhar novo impulso, o que beneficiará principalmente os pequenos produtores.

Foto: Cepea/Divulgação

Margarete Botoen, pesquisadora do Cepea, para quem a análise do consumo não deve se limitar aos produtos frescos

EVOLUÇÃO DE CONSUMO PER CAPITA DE FRUTAS E HORTALIÇAS

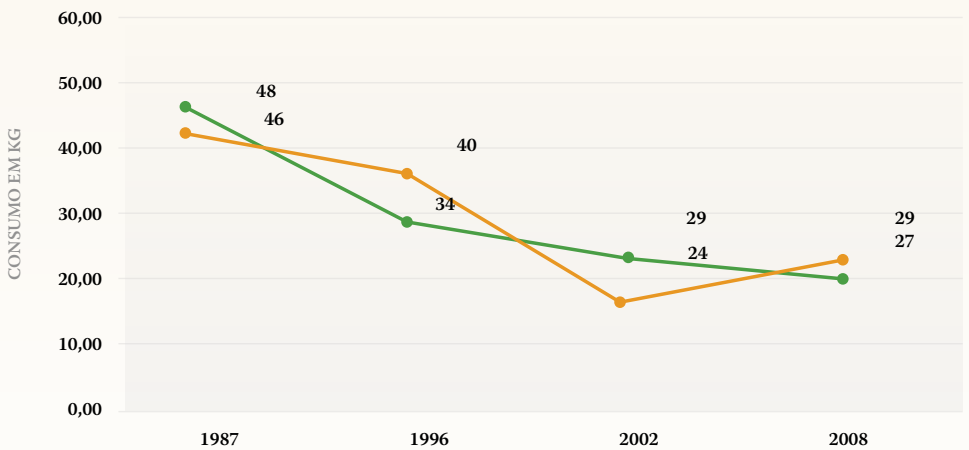


Gráfico mostra evolução do consumo per capita de frutas e hortaliças nos lares ao longo dos últimos anos

POTENCIAL À VISTA

Matérias em jornais e revistas, livros de sucesso e programas especiais de TV são apenas alguns espaços onde o tema da alimentação saudável vem ganhando relevância, o que demonstra o interesse cada vez maior do público por uma alimentação saudável.

Outro dado promissor para o mercado de frutas, verduras e legumes (FLVs) é a elevação da renda do brasileiro nos últimos anos. Conforme revela a Pesquisa do Orçamento Familiar (POF), lançada em 2009 pelo IBGE, o consumo de frutas e hortaliças por habitante tende a ser maior à medida em que se eleva a renda.

Na classe pobre (D e E), o consumo per capita anual de hortaliças nos lares foi de 19,02 kg; passando a 29,85/kg na classe média (C), e a 39,71 kg nas ricas (A e B). Já entre as frutas, a classe pobre consumiu 17,33 kg; a média, 31,49 kg e a rica, 50,22 kg.

Diante desse cenário, há amplo espaço para produtores e comerciantes de hortifrútis ganharem mercado. A mesma POF do IBGE constatou redução de 1,93 kg por pessoa do consumo anual entre 2002 e 2008 nos lares. O consumo por pessoa/ano nos lares era de 29 kg em 2002, mas em 2008 passou a ser de 27,08 kg.

Já entre as frutas, houve aumento de 4,38 quilos no consumo por pessoa/ano nos lares brasileiros. Em 2002, a média era de 24,49 kg/pessoa e, em 2008, passou para 28,86 kg/pessoa.

> "Pesquisa do CNA sugere que consumo de FLVs fora do lar é menor que em casa."

Além de intensificar as campanhas educativas sobre a alimentação saudável, vários especialistas acreditam na necessidade de se oferecer alternativas mais práticas e a preços acessíveis ao consumidor. Com mais pessoas se alimentando fora do lar, maior participação da mulher no mercado e cada vez menos tempo para preparo de refeições, a oferta de hortifrútis descascados, picados, embalados e higienizados é uma das saídas apontadas (confira matéria nesta edição).

FORA DE CASA

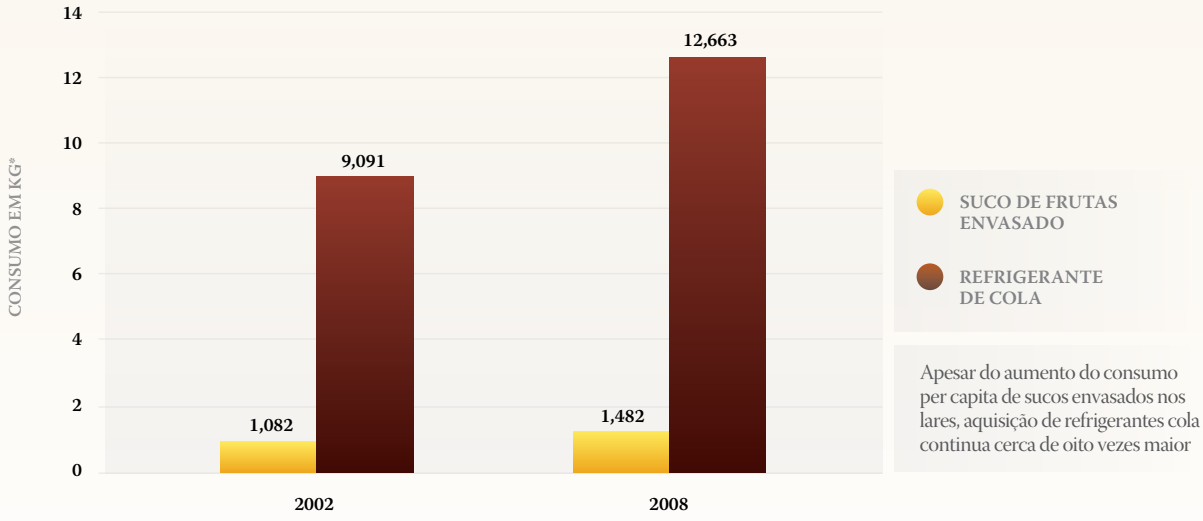
Nesse sentido, o envolvimento de comerciantes de bares, restaurantes e similares poderá ser especialmente estratégico. Isso porque, conforme revela pesquisa da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) com 1420 entrevistas em 2011, há uma tendência de as pessoas incluírem menos frutas ou hortaliças na alimentação quando comem fora do lar em relação às refeições dentro de casa.

Nas hortaliças estes percentuais são respectivamente de 44% e 69% dos entrevistados e para frutas, de 4% para 37%. Assim sendo, a pesquisa infere que quanto mais o indivíduo come fora, mais tende a se reduzir o seu potencial de consumo de frutas e hortaliças.

CENÁRIO POSITIVO

Sem comentar os critérios da pesquisa do CNA, a pesquisadora do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da USP, Margarete Boteon, acredita que o cenário não seja tão negativo. "Quando observamos um trabalhador de fábricas ou crianças em idade escolar das classes baixa e média baixa renda, acredito que esse grupo tem mais acesso a frutas e

EVOLUÇÃO DO CONSUMO DE SUCOS DE FRUTAS E REFRIGERANTES DE COLA



Apesar do aumento do consumo per capita de sucos envasados nos lares, aquisição de refrigerantes cola continua cerca de oito vezes maior

*Nota: 1 - As quantidades de produtos adquiridos na forma líquida foram transformadas em Kg, considerando-se volume igual a peso

hortaliças fora do lar do que no lar", afirma.

Margarete também ressalta que a análise não deve se restringir a produtos frescos. "A batata consumida in natura tem perdido espaço para a processada e essa tendência vai continuar (dentro e fora do lar). Assim, quando avaliamos o setor de batata ou de tomate, com a polpa, temos que ver não só o consumo in natura como o industrializado".

Outro exemplo, segundo ela, seria o do consumo de suco de uva, que estaria crescendo muito mais em termos relativos que o da fruta *in natura*, apesar do crescimento também positivo da fruta.

Conforme aponta a POF, a aquisição per capita anual de sucos envasados apresentou alta de 36,97% entre 2002 e 2008. Mas a mesma pesquisa ilustra bem um dos grandes desafios comuns ao segmento de hortifruti: o de disputar espaço com os alimentos e bebidas industrializadas, em geral ancoradas em grandes campanhas de marketing. Enquanto o consumo por pessoa de sucos foi de 1,5 quilos/ano em 2008, no mesmo período de refrigerante do tipo cola, os líderes do mercado, chegou a 12,5 kg.

FIQUE LIGADO

As Ceasas com interesse em aderir à campanha educativa de estímulo ao consumo de hortifrútis devem preencher um formulário com o objetivo de quantificar os públicos externo e interno. Cada central de abastecimento deverá indicar um agente responsável pela atividade educativa, que fará a distribuição dos materiais educativos junto ao público e nas mídias selecionadas. Inf: (61) 3312-6237

COMO SERÁ A CAMPANHA

A campanha consistirá na divulgação de materiais educativos como cartazes, anúncios em mídia impressa e eletrônica, incluindo revistas, rádios, sites e redes sociais, com conteúdos de incentivo à alimentação adequada e saudável, com foco no aumento do consumo de frutas e hortaliças.

O público-alvo será dividido em dois grupos: o interno, na primeira fase, e o externo às centrais de abastecimento. O primeiro é calculado em aproximadamente 33 mil pessoas, formado por produtores rurais e comerciantes estabelecidos nos entrepostos.

Já o externo engloba os compradores que frequentam as Ceasas, especialmente os comerciantes de supermercados, feiras, bares e restaurantes, dentre outros espaços de comércio. A previsão é de que a primeira fase, com início ainda neste ano, seja executada em três meses, e a segunda, voltada o público externo, em seis meses.

DICA DA ABASTECER BRASIL

- Faça cinco refeições diárias: café da manhã, lanche, almoço, lanche da tarde e jantar e inclua um vegetal, suco ou fruta em cada uma dessas refeições.
- Sugestão do Programa 5 ao Dia: no café da manhã, um suco de melancia; no lanche, uma maçã; no almoço, uma salada de alface; no lanche da tarde, uma banana; e no jantar, um creme de abóbora.

AGRICULTURA FLUMINENSE:

A IMPORTÂNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR E O PAPEL DA CEASA-RJ

Por GABRIELA FERNANDEZ SANCHEZ[1]
MARDEN MANUEL RODRIGUES MARQUES[2]
ARCENIO JUBIM DA SILVA JR[3].

O Estado do Rio de Janeiro, em termos de dimensão territorial, é um dos menores do Brasil, compreendendo somente 0,51% do território nacional. Apesar de sua pequena extensão, apresenta grande importância, tanto em aspectos ambientais quanto socioeconômicos. Com relação ao meio ambiente, o Estado destaca-se por sua biodiversidade e sua geografia física (grande variedade de solos, relevo, vegetação e clima). Ademais, possui a terceira maior população do país, superando a marca de 15 milhões de habitantes, sendo 78% desses residentes na Região Metropolitana (ou Grande Rio), a segunda maior metrópole do país.

A conjunção dessas características peculiares propicia que o potencial do Estado para a produção agropecuária seja indiscutível, pois visa abastecer e garantir a segurança alimentar do terceiro maior mercado consumidor do país.

Em termos de estrutura fundiária (a forma de organização das propriedades agrárias), os dados do último Censo Agropecuário do IBGE (2006) apontam que, das 58.482 unidades de produção agrícola do Estado, cerca de 75% não apresenta área superior a quatro módulos fiscais, enquadrando-se, assim, na categoria 'agricultura familiar,' conforme um dos critérios definidos pela Lei 11.326/06. Em termos numéricos, a agricultura familiar fluminense responde por cerca de 80% do volume de produção. Representa 50% da contribuição do setor agropecuário ao PIB do estado, ocupa 23% da área cultivada e emprega no meio rural mais de 58% da mão de obra disponível.

"A AGRICULTURA FAMILIAR FLUMINENSE RESPONDE POR CERCA DE 80% DO VOLUME DE PRODUÇÃO."

Resultado evidente é a importância da agricultura familiar para o abastecimento e para a segurança alimentar do Estado. Por isso, do ponto de vista da 'governança' do setor agropecuário fluminense, claramente ganham destaque todas as políticas públicas voltadas para esse segmento da agricultura conduzido pelas famílias.

No entanto, durante muitos anos, as políticas federais e estaduais destinadas à agricultura voltaram-se prioritariamente para o agronegócio de exportação, esquecendo a realidade do Estado do Rio de Janeiro, que tem quase 80% dos agricultores como pequenos e médios produtores. Tradicionalmente, o setor careceu de integração às políticas públicas de fomento à produção, à comercialização e à assistência técnica.

Somente a partir de 2003, após o lançamento do Programa Fome Zero, verifica-se a crescente criação de políticas públicas, federais e estaduais destinadas ao fortalecimento dessa modalidade de agricultura. Ademais, a atividade também vem sendo favorecida pelo recente estabelecimento de novos centros industriais que vêm imprimindo uma nova dinâmica socioeconômica no Estado, atraindo mão de obra e incrementando a demanda por produtos agropecuários. Em suma, a atual retomada do crescimento da agricultura familiar fluminense está diretamente relacionada à recente criação de políticas públicas de fomento da atividade, bem como ao recente estabelecimento de novos arranjos socio-espaciais em nível regional.

1. Professora FCE/UERJ (Faculdade de Economia/Universidade do Estado do Rio de Janeiro). E-mail: gbszfz@uerj.br
2. Engenheiro Agrônomo Ceasa-RJ/Seagro (Setor de Agroqualidade). E-mail: marden.marques1@gmail.com
3. Engenheiro Ambiental Ceasa-RJ/Serea (Setor de Responsabilidade Ambiental). E-mail: jrjubim@hotmail.com

PRINCIPAIS POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR FLUMINENSE:

1. Políticas de estabilidade de renda via mercados institucionais: PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e Pnae (Programa Nacional de Alimentação Escolar).
2. Políticas de concessão de créditos agrícolas: Linhas Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) e Programas Especiais de Fomento Moeda Verde.
3. Políticas de desenvolvimento rural: Programa Territórios da Cidadania.
4. Políticas de extensão rural e capacitação técnica: Pnater (Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural), Programa Rio Leite e Programa Rio Rural GEF.
5. Políticas de certificação de selos de qualidade (Selo de Agricultura Orgânica, Selo de Comércio Justo e Solidário, Selo de Ecocertificação etc.).

Atualmente, a Unidade Grande Rio, a maior dentre as seis unidades que compõem a Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro S.A. (Ceasa-RJ), localizada no município do Rio de Janeiro, abastece cerca de 80% dos produtos hortifrutigranjeiros que chegam às mesas da população carioca. Em definitiva, a Ceasa-RJ desempenha papel fundamental na política estadual de abastecimento de alimentos. No entanto, também passa a desempenhar outras funções de natureza pública, como ações de fortalecimento da agricultura familiar, de segurança alimentar e nutricional, de controle sanitário e de resíduos de agrotóxicos, de busca pela sustentabilidade através do desenvolvimento de projetos ambientais e de responsabilidade social junto às comunidades populares de seu entorno, entre outras.

A nova Ceasa-RJ objetiva ser o elo articulador entre os atores envolvidos no abastecimento e na segurança alimentar do Estado. Atualmente, vem criando ferramentas e buscando apoios e parcerias para a plena implantação da ambiciosa proposta do "Sistema Integrado de Segurança Alimentar e Nutricional e Fomento à Agricultura Familiar no Estado do Rio de Janeiro":

1. A Unidade Grande Rio é o primeiro entreposto do Brasil a disponibilizar um pavilhão exclusivo para a agricultura familiar, onde o produtor terá acesso facilitado à assistência técnica e espaço destinado ao processamento e beneficiamento de alimentos, venda de produtos aos varejistas e entregas dos programas governamentais (PAA e Pnae).
2. Criação de novos canais de comercialização, como as Lojas da Agricultura Familiar nas seis unidades da Ceasa-RJ, e as Feiras da Agricultura Familiar, em parceria com as prefeituras, para a venda de produtos *in natura* e da agroindústria familiar, além de artesanato, comidas típicas e cultura.
3. Disponibilização de Rede de Equipamentos Públicos de Alimentação e Nutrição (RedSAN): restaurantes populares, cozinhas comunitárias e banco de alimentos.
4. Favorecimento da logística de escoamento da produção da agricultura familiar e das doações para o Banco de Alimentos através da disponibilização de veículos para o transporte das mercadorias.
5. Melhoria e modernização dos Mercados Livres do Produtor, transformando-os em Unidades de Comercialização Direta (UCD), com adequação do piso, telhado e iluminação, aquisição de caixas plásticas e instalação de painel eletrônico de informação de preços.
6. Criação de espaço de formação e de capacitação do agricultor familiar em educação alimentar e ambiental.
7. Credenciamento no Sistema Informatizado de Assistência Técnica e Extensão Rural (Siater) para futura assistência técnica aos agricultores familiares e a emissão de DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf).
8. Criação de grupo gestor deste sistema de fortalecimento da agricultura familiar, com representações regionais, através de parcerias entre instâncias de governos, universidades, empresas e sociedade civil organizada, a fim de garantir a participação dos segmentos envolvidos na orientação das atividades propostas.

BANCOS DE ALIMENTOS
EM PAUTA NAS CEASAS

PARAÍBA JÁ TEM LOCAL PARA INSTALAR BANCO DE ALIMENTOS

Fonte: Empasa

A área para construção do banco de alimentos da Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas (Empasa), em João Pessoa, já está definida. As ações de implantação envolvem obras, instalações, aquisição de equipamentos, materiais permanentes e de consumo e formação da equipe.

O Estado da Paraíba foi selecionado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) para receber um Banco de Alimentos. O MDS vai investir R$20,5 milhões na implantação de 16 novos bancos, contando com o da Paraíba, e na modernização de outros quatro.

Todo eles estão localizados ou serão construídos em centrais de abastecimento. Além da Paraíba, Ceasas estaduais e/ou municipais da Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Pará, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Tocantis foram contempladas com verba do MDS.

O banco de alimentos atua no recebimento de doações de alimentos considerados impróprios para a comercialização, mas adequados ao consumo. Os alimentos são repassados a instituições da sociedade civil sem fins lucrativos que produzem e distribuem refeições gratuitamente a pessoas em situação de vulnerabilidade alimentar.

Foto: Alex Márcio / Empasa

Banco de Alimentos da Empasa será construído em área próxima ao Sane, o Programa Segurança Alimentar e Nutricional da Empasa

BANCO DE ALIMENTOS RECÉM-CRIADO É PRIORIDADE NA CEASA/DF

Fonte: Ceasa-DF

O banco de alimentos da Ceasa do Distrito Federal está funcionando há apenas nove meses e já tem cadastradas 130 entidades assistenciais servindo refeições diárias para mais de 20 mil pessoas. O programa é tratado como prioridade pelo presidente da Ceasa-DF, Wilder Santos. Segundo ele, o banco de alimentos possui dois focos fundamentais para a estabilidade social: os apoios às entidades assistenciais que abrigam e alimentam centenas de famílias que sofrem de carência nutricional e o incentivo ao desenvolvimento da agricultura familiar de Brasília.

A fim de melhorar a infraestrutura, a Ceasa/DF assinou um acordo de cooperação técnica com a CeasaMinas, que transfere sua tecnologia sobre o Sistema Informatizado de Gestão de Alimentos. Wilder Santos explica que o novo planejamento de gestão do Ceasa investirá no relacionamento com os agricultores familiares que fornecem alimentos ao banco. Uma vez por semana, os produtores levam à Ceasa mais de 40 espécies de frutas e hortaliças que, após pesados, originam uma nota fiscal posteriormente resgatada pela Secretaria de Agricultura.

Além dos produtos comprados da agricultura familiar, o estoque do banco de alimentos é reforçado pela coleta de alimentos não perecíveis no comércio privado de Brasília. Uma vez por semana, as entidades assistenciais vão à Ceasa recolher as doações, distribuídas em cestas básicas com 36 produtos diferentes. "Quem precisa se alimentar recebe a comida pronta, na mesa, bastando estar cadastrado numa entidade assistencial", diz o presidente da Ceasa.

CEASA DO CEARÁ FAZ PARCERIA PARA BENEFICIAR MERCADO

Fonte: Ceasa Ceará

A Central de Abastecimento do Ceará e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Ceará (Adagri) firmaram uma parceria que tem o objetivo de fortalecer e preparar o mercado para a comercialização de produtos com condições excelentes de abastecimento alimentar. Foi implantado um escritório da Adagri nas dependências da Ceasa Ceará, onde três técnicos irão realizar um trabalho permanente.

Entre as questões abordadas estão o uso de agrotóxicos, o combate às pragas e o transporte e embalagem dos alimentos, que serão divididas em quatro áreas de atuação: monitoramento de moscas das frutas, detecção de pragas, fiscalização dos produtos na entrada e controle de trânsito vegetal.

Neste primeiro momento, o trabalho será concentrado na percepção educativa e de conscientização. Orientações por meio de peças audiovisuais, impressos, blitz e palestras estão previstas. Uma equipe técnica da Adagri apresentou as ações desenvolvidas pela agência para os servidores e demais colaboradores. Além de conhecer as funções da empresa, os participantes foram alertados sobre a necessidade do cumprimento das legislações federal e estadual que regulamentam a defesa vegetal, visando à sanidade desses produtos.

"A agência já está integrada à centrais e com isso nós estamos não só com o espaço, mas também com os nossos técnicos e toda a equipe à disposição da segurança alimentar do estado", explica Reginaldo Moreira, diretor presidente da Ceasa Ceará.

Em um segundo momento, previsto para iniciar no mês de novembro deste ano, o plano de trabalho continua com as abordagens de fiscalização para o cumprimento das legislações vigentes.

CEASA/ES COMPLETA 35 ANOS

Fonte: Ceasa/ES

No último mês de junho, a Ceasa/ES completou 35 anos demonstrando uma força comprovada em números. Os produtores e comerciantes instalados nos entrepostos movimentam em média 42.500 toneladas por mês, gerando uma renda de R$ 41,9 milhões.

Além disso, a Ceasa/ES mostra força também na área social. Um dos projetos é a reinclusão social de detentos através do programa de Ressocialização pelo Trabalho, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Justiça (Sejus). De acordo com o assessor de manutenção e transporte da Ceasa/ES, Élder Antônio Schunk, atualmente são seis detentos e um egresso trabalhando no entreposto. "Dois são responsáveis por cuidar dos jardins, outros dois são ajudantes de pedreiro, um é ajudante de eletricista e os demais trabalham cuidando da limpeza e dos jardins. Além dessas atividades, eles também desempenham outros serviços, conforme as demandas", conclui.

O diretor-presidente da Ceasa/ES, Getúlio Darcy Curty Pires, disse que a iniciativa é de grande importância social. "O trabalho vem sendo tão bem desenvolvido que a Ceasa já participa do programa de ressocialização há oito anos e está cada vez mais firme, obtendo sempre bons resultados. A Ceasa/ES tem muito orgulho de participar de um projeto tão nobre", afirma o presidente.

CEASA PARANÁ ATUA NA RASTREABILIDADE

Fonte: Ceasa Paraná

A Ceasa Paraná está empenhada em contribuir com a redução do uso abusivo de agrotóxicos no Brasil. A central de abastecimento será parceira de um trabalho de rastreabilidade que vai identificar a origem dos alimentos, através da rotulagem correta, permitindo uma ação de controle maior.

Para o presidente da Ceasa Paraná, Luis Gusi, identificar a origem dos produtos é o primeiro passo. "Passam pela Ceasa hortigranjeiros vindos de 1.300 localidades do Brasil, além de importações de dez países e transferências entre as 72 Ceasas nacionais. É importante que toda a cadeia produtiva esteja preparada para atender às exigências de rotulagem", informou Gusi.

Foi assinado um termo de cooperação técnica, no qual foram selecionados cinco alimentos (morango, uva, banana, mamão e maçã), por apresentarem padrões mínimos de rastreabilidade, para serem submetidos a testes de laboratórios para verificação dos níveis de conformidade.

CEASAMINAS CONCLUI PROJETO DE SAÚDE PARA CARREGADORES

Fonte: CeasaMinas

O programa de promoção da saúde dos carregadores da CeasaMinas foi concluído em agosto e obteve bons resultados. O projeto intitulado "Aprendendo saúde, trabalhando sem dor" teve início no começo deste ano. A primeira etapa do programa consistiu em uma pesquisa para apontar a real situação dos carregadores do entreposto de Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Para isso, 254 dos 650 carregadores autônomos cadastrados que atuam no MLP (Mercado Livre do Produtor) foram entrevistados. A pesquisa indicou que 50% sofre de dor nas costas, 45,2% ingere bebida alcoólica excessivamente e 63,4% não recebeu nenhum tipo de treinamento ou instrução sobre o manuseio de cargas. Com base nesses resultados, foram definidas as ações do programa, que incluíram um ciclo de palestras e orientações no MLP.

"Eu gostei e gostei muito. Nós estávamos precisando de informações desse tipo", avalia José Dias Neto, presidente da Asscar (Associação dos Carregadores da CeasaMinas). "Esse trabalho foi pioneiro entre as centrais de abastecimento do Brasil e esperamos que ele possa servir de modelo", afirmam os fisioterapeutas responsáveis, Rodrigo Moura e Felipe Moraes.

PARCERIA ENTRE CEASA-RJ E MDS IRÁ AMPLIAR BANCO DE ALIMENTOS

Fonte: Ceasa/RJ

Uma ação integrada entre a direção da Ceasa-RJ e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) irá ampliar e modernizar o Banco de Alimentos da Central de Abastecimento fluminense. Com a divulgação do resultado da primeira fase do edital do MDS, cuja colocação da Ceasa-RJ foi primeiro lugar, o projeto começa a ganhar forma e sair do papel.

A ideia já vinha sendo discutida pelo presidente da Ceasa-RJ, Leonardo Brandão, e representantes do ministério. "O objetivo é que todas as nossas unidades tenham o Banco de Alimentos. Vamos garantir que todas regiões do estado tenha uma unidade", disse o presidente, deixando clara a intenção da Ceasa-RJ de aderir à Rede Estadual de Banco de Alimentos do MDS.

"Temos ainda a intenção de comprar a produção diretamente na roça dos agricultores familiares, e doar através do Banco de Alimentos. Uma inovação que estamos estudando para ajudar no escoamento do pequeno produtor", explicou o presidente.

O objetivo do MDS é apoiar a implantação ou a modernização de Bancos de Alimentos, em parceria com governos estaduais ou municipais, nas centrais de abastecimento, por meio do financiamento da elaboração de projetos de engenharia; execução de obras e instalações; aquisições de equipamentos e materiais permanentes, utensílios e materiais de consumo e de veículo, a fim de combater o desperdício e o abastecimento alimentar.

Segundo informações do MDS, atualmente existem no país 74 Bancos de Alimentos, sendo 10 em centrais de abastecimento. No ano passado, eles receberam 30 mil toneladas de gêneros alimentícios, que foram distribuídas a 5,5 mil entidades por mês, beneficiando 1,6 milhão de pessoas. Projeto lançado em maio de 2011, o Banco de Alimentos da Ceasa-RJ tem cerca de cem entidades cadastradas como creches, abrigos, asilos e hospitais.

DELÍCIA DE COZINHA

A CULINÁRIA PERNAMBUCANA OFERECE UMA VARIEDADE DE TEMPEROS, INGREDIENTES E TRADIÇÕES NORDESTINAS MARCANTES PARA A GASTRONOMIA BRASILEIRA

Por RAIO DE LUAR

Frevo, baião, xaxado, praias paradisíacas, carnaval popular e tradicional, e uma culinária bem típica e diferenciada. Esses são alguns dos pontos de destaque de um estado nordestino: Pernambuco.

A capital Recife é conhecida como o terceiro maior polo gastronômico do Brasil, segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel). A culinária pernambucana é marcada por diversidades culturais: portuguesa, indígena e africana. O inhame e as raízes são tradições indígenas. Dos negros, ficaram os pratos feitos dos restos da casa grande: carne de sol, galinha à cabidela, buchada, sarapatel e feijoada. Outras delícias vêm de Portugal, como o hábito de misturar açúcar nos alimentos.

Essa mistura de tradições criou um estilo próprio de comida que varia os aromas, sabores e ingredientes da região do Nordeste. Na culinária do litoral pernambucano e de todo o nordeste brasileiro, há uma grande quantidade de receitas com frutos do mar e das regiões de mangues como camarão, lagosta, polvo e caranguejo. Os peixes de água doce, como o surubim, são também muito apreciados e abundantes nas localidades próximas ao Rio São Francisco.

As receitas foram sendo adaptadas, modificadas e transmitidas de mãe para filha, desde a época colonial, mas ainda há receitas que são consideradas segredos de família.

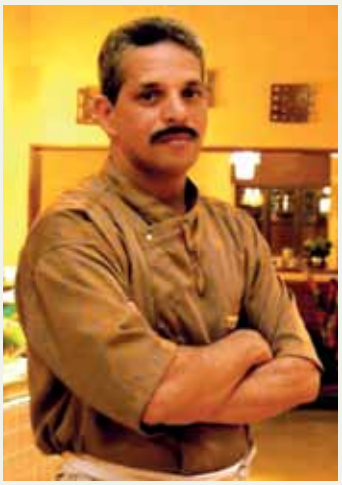
As fortes tradições pernambucanas são fielmente seguidas pela população. Na festa junina, os pratos de Recife se espalharam por todo o Brasil: canjica, pé de moleque, bolo de aipim, pamonha e o famoso bolo Souza Leão, receita que tem o nome da família que era dona de engenhos no auge do ciclo da cana-de-açúcar. Os pernambucanos dizem que o bolo foi feito para receber o imperador Dom Pedro II no dia 18 de dezembro de 1849.

Um ponto interessante é que muitos dos pratos têm histórias. O chef Edson Rosas, do Restaurante Paraxaxá, em Recife, conta que muitos de seus pratos foi sua avó que o ensinou a fazer. "Minha avó ensinava a cozinhar e ia me contando a história de cada prato, isso me incentivava mais a dar um toque especial para a receita", conta Edson.

O chef Josué Paulo, do restaurante Papacapim, em Recife, conta que o prato Capão de Macaxeira com Pirão foi criado por uma família do interior. "Quando acabava a colheita, a família não tinha recursos para se alimentar, então eles pegavam o frango ainda pequeno e cozinhavam com macaxeira. Por isso o nome Capão, por se tratar de um frango novo", comenta Josué.

Outro conto curioso é do Mousse Trio Nordestino. "Eram três amigos, um gostava de maracujá, outro de goiaba e o outro de coco. Então eles tiveram a ideia de fazer uma sobremesa para o almoço, mas precisava ser uma que agradasse aos três. Juntaram as três frutas em um mouse surgindo o nome Trio Nordestino, tendo em vista que são frutas do nordeste", compartilha Josué.

O chef Edson Rosas relata que o Bolo de Rapadura é a história da cozinheira de uma fazenda. "Ela foi preparar um bolo para um chá quando percebeu que o açúcar era pouco. Foi na despensa, procurou o mel de abelha para completar a receita, porém não encontrou. Achou então a rapadura que ela mesma havia preparado. Não tendo alternativa, usou a rapadura no lugar do açúcar, dando origem ao Bolo de Rapadura."



RESTAURANTE PARAXAXÁ

Av. Fernando Simões Barbosa, 1200
Boa Viagem

CHEF EDSON ROSAS

Fotos: Edson Rosas

PERNIL DE CABRITO AO MOLHO DE RAPADURA

Ingredientes:
1 pernil de cabrito de 1,5 a 2kg
1 colher de café de pimenta do reino
1 cálice de vinho tinto seco
1 ramo de alecrim
4 dentes de alho
1 caldo de carne
50 ml de mel de engenho

Modo de fazer:
Tempere o pernil com todos os ingredientes, 12 horas após levar ao forno. Asse em forno de 180°C, coberto com papel alumínio, durante 30 minutos. Retire o papel alumínio e pincele o pernil com mel de engenho. Deixe dourar de 5 a 10 minutos. Retire do forno e reserve.

Molho de rapadura:
400 gr de açúcar de rapadura
1 cálice de vinho
100 ml de vinagre balsâmico
100 ml de molho shoyu
1 copo de água

Modo de fazer:
Leve o açúcar ao fogo. Após o derretimento, sempre mexendo, acrescente os outros ingredientes. Deixe no fogo baixo por cerca de 20 minutos e reserve.

BOLO DE RAPADURA

Ingredientes:
400g de farinha de trigo
200g de açúcar de rapadura
1 xícara de chá de mel de engenho
300g de manteiga
6 ovos
1 colher de sopa de fermento
1 copo de suco de laranja

Modo de preparo:
Bata a manteiga com açúcar. Acrescente os ovos um a um e, depois, coloque o trigo, o suco de laranja, o fermento e o mel de engenho. Bata bem até ficar homogêneo. Passe manteiga na forma de 22cm de diâmetro e enfarinhe. Asse por 30 minutos no forno a 160°C. Deixe esfriar e retire da forma.

Cobertura:
1 xícara de leite condensado
1 xícara de mel de engenho
2 gemas
50 g de amendoim (para decorar)

Em uma panela, leve ao fogo o leite condensado e o mel de engenho e as duas gemas, mexendo sem parar por 8 a 10 minutos. Ainda quente, derrame a cobertura sobre o bolo e decore com amendoim.

RESTAURANTE PAPACAPIM

Av. Rui Barbosa, 1397, Graças

CHEF JOSUÉ PAULO

Fotos: Josué Paulo

MOUSSE TRIO NORDESTINO

Ingredientes:
2 goiabas grandes maduras
2 maracujás grandes
100 g de coco ralado
2 latas de leite condensado
2 caixas de creme de leite
50 g de rapadura ralada
50 g de canela em pau
4 limões espremidos

Modo de preparo:
Bata a goiaba com 100ml de água e peneire. Depois, coloque 100ml de leite condensado, 100ml de creme de leite e 50 ml de suco de limão e bata até ficar consistente. Faça o mesmo procedimento com o maracujá e com o coco. Em uma taça grande de sorvete, coloque primeiro o mouse de maracujá, depois o mouse de goiaba e o mouse de coco. Coloque a rapadura ralada em cima e a canela de pau como se fosse um canudo.

Modo de servir:
Em uma taça de pé coloque o mouse em cima de um prato rosado.

CAPÃO DE MACAXEIRA COM PIRÃO

Ingredientes:
1 kg de capão
2 tomates picados
2 cebolas picadas
2 pimentões picados
1 molho de coentro picado
50 g de gengibre picado
1 cabeça de alho picado
2 caldos de galinha caipira
200 ml de extrato de tomate
100 ml de azeite de oliva
1 colher de sopa de colorau
100 g de pimenta biquinho
300 g de macaxeira
500 g de queijo parmesão ralado
500 g de mandioca
200 g de trigo

Modo de preparo:
Em uma panela, coloque o azeite e o alho e deixe dourar. Depois, coloque a cebola, o pimentão, o coentro, o gengibre e o tomate e deixe refogar. Em seguida, coloque o colorau e o extrato de tomate. Acrescente o capão e refogue mais uma vez por 5 minutos.

Despeje o vinho e 500ml de água e leve ao fogo médio por 30 minutos.
Coloque a macaxeira no fogo por uma hora. Depois que cozinhar, coloque para esfriar. Corte em tiras como batata frita, empane com ovos, trigo e farinha de mandioca
Frite em uma frigideira com óleo bem quente. Depois, polvilhe com parmesão.

Pirão do capão
Separe o caldo do capão, coloque para ferver em uma panela. Acrescente 100g de farinha de mandioca até ficar consistente.

Modo de servir:
Coloque o capão em um prato e ao lado o pirão. Em um recipiente, coloque a macaxeira frita.

DE CAPESA A CEASA/PE

PRIMEIRA CENTRAL DE ABASTECIMENTO A SER INAUGURADA NO BRASIL CHEGA AOS 50 ANOS COM UM BANCO DE CAIXAS PLÁSTICAS MODELO PARA O PAÍS E CONSTRUINDO QUATRO GALPÕES

Por CARLOS DUSSE
Fotos: Arquivo Ceasa-PE

Na década de 1950, o comércio atacadista em Recife, assim como em todo o Brasil, ocorria de forma improvisada. Não havia informação de mercado, os caminhões congestionavam o trânsito e as perdas de alimentos eram consideráveis. "Foi esse cenário complicado que motivou os primeiros estudos, visando a um ordenamento do sistema de abastecimento da cidade", disse Lindalvo Farias, ex-secretário de Agricultura, Mercados e Matadouros da capital pernambucana. O relato está no livro "Ceasa Pernambuco", escrito por Marcos Cirano.

Em 1960, a então recém-inaugurada Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) convidou um grupo de franceses para fazer um diagnóstico e propor soluções para o abastecimento alimentar no Nordeste do Brasil. Esse estudo foi concluído em 1961 e determinou a construção de três grandes centrais de abastecimento, sendo uma delas em Recife. Apenas um ano depois, foi criada a Central de Abastecimento de Pernambuco S/A (Capesa). Entretanto, a entrada em operação ocorreu apenas em 1968, já que as obras foram interrompidas em 1964 devido ao golpe militar.

Hoje, 50 anos após a sua criação, a Capesa passou a se chamar Ceasa/PE, mas continua sendo uma referência para o setor. "O pioneirismo traz consigo o peso da responsabilidade de estar sempre buscando ser referência, e a Ceasa/PE, em sua longa e exitosa trajetória, sempre trilhou na evolução de seus processos comerciais, logísticos e sociais", afirma o atual presidente da central, Romero Pontual.

Quatro pavilhões em fase de construção

Um exemplo desta busca dos pernambucanos para serem referências no país é o banco de caixas plásticas implantado em Recife. É, sem dúvida, o caso de maior relevância no Brasil. "Atualmente, a capacidade diária de higienização em nossa Central de Embalagens é na ordem de 60 mil caixas. Ainda existem em torno de 30% de produtos sendo comercializados em embalagens inadequadas ou a granel. Acreditamos que, até o fim de 2012, deveremos concluir todo o processo de embalagens nessa Ceasa", destaca Romero. É bom lembrar que a utilização de caixas plásticas padronizadas, tal como ocorre na Ceasa/PE, traz inúmeras vantagens em toda a cadeia produtiva. Entre elas, está o fim da contaminação cruzada das lavouras, redução do desperdício e padronização do peso e da quantidade dos produtos.

Com o objetivo de ampliar a quantidade de produtos ofertados e também diversificá-los, a Ceasa/PE está construindo mais quatro galpões. "A Ceasa/PE vem passando por um processo de repaginação e ampliação estrutural e comercial desde 2007 com o importante apoio dos permissionários e do governo do Estado. Nesse contexto, para atender a uma

> "O PIONEIRISMO TRAZ CONSIGO O PESO DA RESPONSABILIDADE DE ESTAR SEMPRE BUSCANDO SER REFERÊNCIA"
>
> Romero Pontual
> Presidente da Ceasa/PE

demanda reprimida por espaços para comercialização, deflagramos o processo de ampliação da infraestrutura de comercialização, a qual prevê, nesta primeira fase, a construção de quatro galpões. Serão dois construídos com recursos próprios e do governo do Estado e dois em parceria com a iniciativa privada, perfazendo uma área total para comercialização de 18 mil m²", diz Romero. A expectativa é de que mais três galpões sejam inaugurados até o fim de outubro e o quarto galpão fique pronto em maio de 2013.

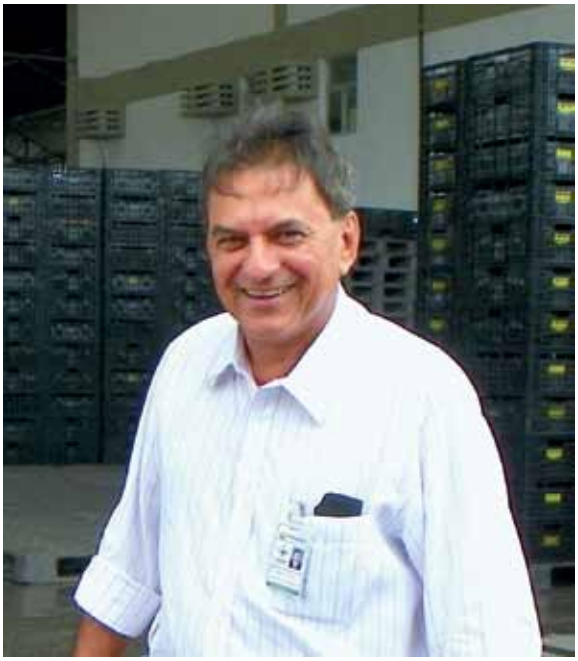
De acordo com o presidente, o entreposto de Recife está preparado para absorver o impacto que será causado após a inauguração dos galpões. Segundo ele, as novas construções fazem parte de um contexto que inclui, ainda, projeto de trânsito, novos bolsões de estacionamento, ampliação dos sistemas de segurança e de limpeza, acessibilidade, sistema de geração de energia e outras ações de apoio logístico.

Essas mudanças estão fazendo com que o volume de vendas na central de abastecimento cresça significativamente. Em 2006, foram vendidas cerca de 50 mil toneladas de produtos por mês. No ano passado, essa marca foi superior a 80 mil toneladas. "A expectativa para o exercício de 2013 é ultrapassar a barreira de 100 mil toneladas comercializadas por mês", finaliza Romero.

Central de Embalagens higieniza 60 mil caixas por dia

QUE VENHAM MAIS CINQUENTA

ROMERO PONTUAL É PRESIDENTE DA CEASA/PE DESDE 2007. ELE JÁ FOI DIRETOR NA ESTATAL ENTRE OS ANOS DE 1995 E 1998, QUANDO COORDENOU AÇÕES OPERACIONAIS EM 20 UNIDADES ARMAZENADORAS NO ESTADO DE PERNAMBUCO. ATUALMENTE, ROMERO É UM DOS VICE-PRESIDENTES DA ABRACEN



1) O fato de a Ceasa/PE receber os encontros da Abracen e da Flama significa que a estatal conseguiu se manter como referência para o setor ao longo dos anos?

A Ceasa/PE, ao longo de sua história, sempre buscou sair na vanguarda e tal postura, aliada ao seu ritmo de crescimento, a credibiliza como referência positiva para outras centrais. E, nesse contexto, a realização desses encontros em muito nos orgulha e ratifica a importância da Ceasa/PE na conjuntura de abastecimento alimentar no país.

2) A Ceasa/PE foi a primeira do Brasil a adotar o padrão de gerenciamento administrativo com a participação interativa e participativa dos seus permissionários. Como essa gestão é feita no dia a dia?

A atual formatação institucional da Ceasa/PE é uma Organização Social (OS) modelo, que preceitua o foco no resultado e nas parcerias, inclusive no processo de gestão, ressaltando, entre outras, o apoio da Assucere (Associação dos Comerciantes), do Sindifrutas (Sindicato do Comércio de Frutihortícolas) e do governo do Estado. O processo de gestão colegiada é bastante praticado e esse modelo induz para que todos os envolvidos com-

partilhem das decisões sem, contudo, o poder governamental transferir responsabilidades, ou seja, o seu processo de governança. Tenho a certeza de que, após vivenciar vários modelos institucionais, este se apresenta como o mais pró-ativo. Assim, acredito que estamos no caminho certo.

3) É verdade que a Ceasa/PE não tem finalidade lucrativa? Todo o lucro que os senhores têm é reinvestido na própria Ceasa?

Correto. Um dos princípios legais que regem as Organizações Sociais é o processo de reinvestimentos dos excedentes financeiros na própria atividade, garantindo e respaldando o planejamento estratégico. Ressaltando ainda que tais investimentos são definidos em conjunto com os segmentos envolvidos, os quais, juntamente com a diretoria, elencam as prioridades. Nesse contexto, desde que a Ceasa/PE transformou-se em OS destacando-se o período a partir de 2007, vem realizando os maiores investimentos de sua história, acima dos definidos pelos indicadores de desempenho.

4) A Ceasa/PE tem hoje três programas sociais (Leite de Todos, Combate aos Desperdícios e Sopa Amiga). De que forma eles ajudam a população pernambucana?

Na verdade, são seis programas sociais: o Programa de Hortas Comunitárias, Inserção Digital, Vida Nova Alfabetizada, Leite de Todos, Combate aos Desperdícios e Sopa Amiga. Em nosso plano estratégico, uma das principais diretrizes é o fomento à base social. Dessa forma, o programa Leite de Todos e o Sopa Amiga buscam minimizar a deficiência alimentar da população carente. Atualmente, são beneficiados pelos citados programas na ordem de 108 mil e 10 mil pessoas, respectivamente. Com relação ao Programa de Combate aos Desperdícios, buscamos desenvolver ações de evitar as perdas, tal como embalagens adequadas e, no caso dos descartes, promovemos o processo seletivo. Atinente ao programa de hortas comunitárias, a Ceasa/PE e a ONG Pedra Água desenvolvem um trabalho junto ao produtores periurbanos nas áreas adjacentes à central, estabelecendo uma parceria produtiva e comercial com atualmente 120 produtores. Por fim, para os projetos de Inserção Digital e Vida Nova Alfabetizada, busca-se oportunizar aos usuários da Ceasa/PE o processo de capacitação. Assim sendo, quer fomentando o processo nutricional ou qualificando a mão de obra, a Ceasa/PE vem realizando um importante papel.

5) Como foi feito o processo de discussão com os comerciantes e produtores para adoção das embalagens plásticas?

Realmente foi um trabalho bastante desafiador, considerando principalmente que, há mais de quatro décadas, a comercialização era realizada sem embalagens ou com a utilização de embalagens inadequadas. Diante de tal cenário e após vários estudos técnicos pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), capitaneados pelo saudoso professor Luiz Fávero, iniciamos o processo gradativo de conscientização dos produtores e comerciantes, tendo a preocupação de realizar tais implantações de forma paulatina, ou seja, cada produto por etapa. Inclusive,respeitando e adequando na medida do possível as particularidades de cada segmento produtivo e comercial.

6) Como o senhor acredita que a Ceasa de Pernambuco estará daqui a 50 anos?

Acredito que a Ceasa/PE estará sempre em processo de evolução e que talvez o espaço ora disponível não mais atenda à demanda ao longo dos anos, necessitando, assim, da concepção e operacionalização de novas plataformas logísticas talvez com outros formatos, esses enfocando a otimização dos processos. Todavia, seja qual for o que nos espera, a Ceasa/PE será sempre uma senhora moderna com olhar para um futuro promissor sem, contudo, esquecer o presente.

> "A CEASA/PE, AO LONGO DE SUA HISTÓRIA, SEMPRE BUSCOU SAIR NA VANGUARDA E TAL POSTURA, ALIADA AO SEU RITMO DE CRESCIMENTO, A CREDIBILIZA COMO REFERÊNCIA POSITIVA PARA OUTRAS CENTRAIS"

Foto: Divulgação

CONFIANÇA NA APROVAÇÃO DO PLANHORT

Por VINÍCIUS MATTIELLO

Em novembro do ano passado, representantes das centrais de abastecimento e outras entidades do ramo reuniram-se no Congresso Nacional para debater o Projeto de Lei 174/2011. Para organizar, fortalecer e modernizar o setor, o texto quer instituir o Plano Nacional de Abastecimento de Hortigranjeiros (Planhort) e fixar normas gerais para os entrepostos públicos de abastecimento alimentar. A audiência pública foi proposta pelo deputado federal Padre João (PT/MG), relator na Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF), onde o projeto foi aprovado no dia 12 de julho deste ano. Nesta entrevista, Padre João fala sobre o substitutivo apresentado pela comissão e o caminho que o projeto ainda vai percorrer em Brasília.

1. Nos seus mandatos como deputado estadual por Minas Gerais e agora como deputado federal, o senhor sempre esteve envolvido com a questão agrícola, especialmente a agricultura familiar. Qual o motivo do interesse pelo tema?

Minha família é da roça. Somos pequenos agricultores na cidade de Urucânia (distante 205 quilômetros de Belo Horizonte). Desde cedo, aprendi a lutar com as dificuldades do campo. A agricultura familiar alimenta nosso país. Cerca de 70% da produção de alimentos vêm desse setor, apesar de todas as dificuldades enfrentadas. Nos últimos anos, os investimentos do governo federal vêm crescendo. Em 2002, eram R$ 2 bilhões. Para o Plano Safra de 2012/2013, esses recursos chegam a R$ 21 bilhões. Parece muito mas, se comparado ao agronegócio, ficamos muito aquém. Para os grandes, estão previstos R$ 110 bilhões. E a agricultura familiar produz mais, gera mais emprego no campo e respeita o meio ambiente. Falta mais investimento e tecnologia para a nossa agricultura familiar.

2. No dia 12 de julho, o senhor apresentou parecer pela aprovação do PL 174/2011, na forma do substitutivo proposto pela Comissão de Seguridade Social e Família. Qual a importância desse projeto de lei para o Brasil?

O projeto traz um grande avanço ao propor que o plano seja executado pela União em cooperação com os Estados, Distrito Federal e municípios e suas entidades, observando as diretrizes dessa lei e do Sistema Nacional de Segurança Alimentar. A lei assegura em cada entreposto áreas livres destinadas preferencialmente ao produtor rural e suas organizações. Ela também promove o desenvolvimento e a difusão de técnicas e boas práticas de produção, transporte, embalagem, armazenagem e comercialização dos produtos. Um conjunto de normas para regular o setor.

3. Como foram os debates que levaram à criação do substitutivo?

Houve muito debate e reuniões para chegarmos ao texto ideal. Fiz um requerimento para audiência pública na Comissão de Seguridade Social e Família para debatermos o assunto com os interessados, organizações do setor e o próprio governo. Visitas técnicas foram realizadas em várias centrais de abastecimento e reuniões foram realizadas com a Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento (Abracen), Confederação Brasileira de Associações e Sindicatos de Comerciantes em Entrepostos de Abastecimento (Brastece), Ceagesp e CeasaMinas.

4. Um dos pontos rejeitados pela CSSF foi a dispensa de licitação para concessão remunerada de uso de áreas dos entrepostos públicos. O que motivou a rejeição e qual a proposta da CSSF?

Era um dos pontos mais polêmicos. Dispensar a licitação não era o melhor caminho. Poderia trazer insegurança jurídica. Assim chegamos à conclusão de que seria melhor a licitação para concessão de uso remunerado, tendo como critério a melhor proposta técnica, com preço único constante do edital.

> “O PROJETO VAI SER APROVADO PORQUE ELE É O RESULTADO DE INÚMEROS DEBATES, REUNIÕES E AUDIÊNCIAS. TODAS AS PARTES OPINARAM SOBRE O TEMA”

5. Além dessa, quais foram as outras principais sugestões do substitutivo apresentado pela CSSF?

Acatamos a sugestão de que as concessões sejam de 25 anos, podendo ser renovadas por igual período. Para os operadores de entrepostos já instalados, fica assegurado prazo de transição para adequação às normas desde que optem pela adesão ao Planhort e pelo cumprimento das novas regras. Para associações e cooperativas de produtores rurais, caberá ao regulamento de mercado estabelecer as formas e o prazo para concessão das áreas.

6. O senhor acredita que o PL 174/2011 será aprovado? Por quê?

O projeto vai ser aprovado porque ele é o resultado de inúmeros debates, reuniões e audiências. Todas as partes opinaram sobre o tema. Está pronto para ser votado. Precisamos de ordenamento mínimo no setor.

7. Qual caminho o PL 174/2011 seguirá até a sua aprovação ou rejeição?

O projeto, saindo da Comissão de Seguridade Social e Família, vai para a Comissão de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Comissão de Finanças e Tributação e Comissão de Constituição e Justiça. Vou acompanhar até o fim a tramitação do projeto, que é de caráter terminativo, ou seja, não vai a plenário. Passando por essas comissões, se aprovado, segue para a sanção presidencial.

8. O que a aprovação do projeto de lei representará para o Brasil?

Trata-se da segurança alimentar. É preciso ter controle sobre os produtos. Melhorar todo o sistema, desde a produção, transporte e comercialização. O Brasil abandonou o sistema. É preciso regras claras e investimentos. É um problema de soberania. Soberania alimentar.

9. O senhor acredita que a criação do Planhort contribuirá na luta contra a fome?

O governo tem se esforçado para acabar com a fome e a miséria em nosso país, mas são preocupantes o nosso sistema de abastecimento e a nossa cultura. Há muito desperdício. Todos os dias, montanhas, toneladas e mais toneladas de alimentos são jogadas fora. Então, precisamos desse Plano Nacional de Abastecimento de Hortigranjeiros.

10. O senhor é presidente da Subcomissão de Segurança Alimentar da CSSF. O que o Brasil precisa fazer para garantir quantidade, regularidade e qualidade dos alimentos?

Quantidade nós temos. Sobra alimento no Brasil. Exportamos mais do que importamos. O que falta é distribuição adequada. Algumas regiões apresentam carência por questões climáticas, mas, no conjunto, o país produz o suficiente para a sua população. O desafio é equilibrar essas carências, fazer com que o alimento chegue todos os dias a essas famílias, com regularidade. Nós temos que combater o desperdício. Não somente no Natal ou em outras ocasiões de comoção nacional. Que essas ações sejam resultados de políticas públicas. A outra questão é a qualidade. Alimento saudável sem a presença de agrotóxico e nutritivo. Não basta comer. Tem que saber o que se está comendo. Nesse sentido, temos que avançar no nosso sistema de produção. A presença de agrotóxico em muitos alimentos é assustadora. Alimento é vida e não morte. Temos que superar o uso dos agrotóxicos.

11. Que propostas recentes do Congresso Nacional nessa área o senhor destaca?

São várias propostas, muitas ideias e projetos, como o PL 4.299/2012, de minha autoria, que dispõe sobre a pesquisa, produção, transporte, importação, utilização, rotulagem e destinação de embalagens de agrotóxico. Os PLs 3.615/2012 (obriga as empresas de aviação agrícola a enviar cópias de prescrições de agrotóxicos e relatórios anuais aos órgãos competentes) e 3.614/2012 (estabelece condições de segurança relativas à aplicação de agrotóxicos), além de outros, como os PLs 1.234/2007, 1.384/2011 e 2.144/2007, de outros parlamentares, que tratam da segurança alimentar.

RUMO AO DESENVOLVIMENTO

UNIÃO ENTRE ATACADISTAS, PRODUTORES E ADMINISTRAÇÃO DAS CEASAS JÁ MOSTRA RESULTADOS

Por CARLOS DUSSE E RAIO DE LUAR

Até pouco tempo atrás, quem frequentava as Ceasas do Brasil tinha uma certeza: a administração dificilmente ficava ao lado dos produtores e comerciantes. Pelas mais diversas razões, os grupos não se entendiam. Mas, hoje, a realidade é outra: o tom do discurso deixou de ser radical e, em alguns casos, já é até conciliador.

Uma prova disso é a elaboração do Projeto de Lei 174/2011, conhecido como Planhort. O documento já foi votado na Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados. Trata-se de um texto que vai revolucionar as centrais de abastecimento e que só foi construído após uma união entre as Ceasas, Confederação Brasileira das Associações e Sindicatos de Comerciantes em Entrepostos de Abastecimento (Brastece) e produtores.

"Sem o apoio de todos, especialmente da Brastece, o Planhort não estaria em estágio avançado de elaboração. Temos a certeza de que, com o apoio das associações de produtores e comerciantes, o texto que está tramitando no Congresso será aprovado", afirma o presidente da Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento (Abracen), João Alberto Paixão Lages.

Para o presidente da Brastece, Virgílio Villefort, é importante buscar o entendimento para solucionar os conflitos. "Ouvir os comerciantes e usuários é essencial. Por isso, estamos conseguindo avançar com o Planhort", afirma. Villefort ressalta ainda que é importante que cada Ceasa tenha associações fortes e representativas dos usuários e isso deve motivar o diálogo com as administrações das centrais de abastecimento. "É importante que todos os setores lutem pelos objetivos da classe, mas pensem também no objetivo comum, que é o abastecimento", destaca, ao concluir que é fundamental ainda que as administrações das Ceasas tomem as decisões sempre ouvindo os segmentos do mercado.

No Distrito Federal, a união entre administração da Ceasa e associações de permissionários, produtores, carregadores, floristas e de pescado foi vital para a aprovação da Lei 4.900/12, que regula a organização, e o funcionamento dos mercados de hortigranjeiros geridos pela Ceasa/DF. "Se fosse manter a decisão de que é necessário licitar todos os espaços públicos aqui na Ceasa, haveria risco de desabastecimento e impacto nos preços no Distrito Federal", diz o presidente da Ceasa/DF, Wilder da Silva Santos, destacando um dos principais pontos da lei.

Mas a união não se resumiu à elaboração e à aprovação da lei. Em maio deste ano, foi criado um conselho consultivo composto pela Central de Abastecimento e associações de permissionários, produtores, carregadores, floristas e piscicultores. Segundo Wilder, antes da criação do conselho, o relacionamento entre todos era difícil. A partir do surgimento do grupo, as demandas foram expostas e os problemas já são resolvidos. Wilder cita como exemplo o fortalecimento do escritório local da Emater, que vai dar assistência técnica aos produtores.

De acordo com o presidente da Associação dos Produtores da Ceasa/DF, Djalma Machado, o conselho é importante por ter um caráter democrático e permitir que todos manifestem suas opiniões. "Temos sentado com o presidente da Ceasa para decidirmos as coisas mais corriqueiras. Levamos os assuntos de maior vulto para o conselho", afirma Djalma. Para o presidente da Associação dos Empresários da Ceasa/DF, Luciano Vilela, o conselho também é relevante por discutir pontos do planejamento estratégico da central de abastecimento. "O planejamento estratégico sem o debate

União entre associações e administração traz mais desenvolvimento para a Ceasa/DF

com todos os envolvidos é apenas um planejamento. Não tem nada de estratégico", afirma ele.

Em algumas outras ceasas do Brasil, a união entre comerciantes e administração também é uma realidade. Um exemplo é a do Espírito Santo. A Ceasa/ES, juntamente com a associação dos comerciantes, trabalhou em várias ações de segurança, desvinculando do entreposto do Espírito Santo a prostituição e o tráfico de entorpecentes. Foram implantados os sistemas de combate a incêndios e de monitoramento com câmeras de segurança e pessoal capacitado.

Segundo o diretor técnico-operacional da estatal, Carmo Robilotta, a relação da Ceasa com a associação dos comerciantes tem melhorado consideravelmente nos últimos anos. "O fato de termos fácil acesso à associação facilita a nossa parceria, pautada na melhoria do bom funcionamento da Ceasa para todos que desenvolvem aqui suas atividades e dinamiza as ações necessárias para solução das questões", afirma o diretor técnico-operacional. Para o presidente da Associação dos Usuários Permanentes da Ceasa do Espírito Santo (Aupeces), Ivanildo Antônio Corteletti, é fundamental preservar a relação profissional das associações e da Ceasa/ES. "É de grande importância fortalecer os moldes e a relação atual entre nós. Temos como objetivo principal o bem comum e não o interesse individual", afirma Corteletti.

Planhort é discutido em Audiência Pública na Câmara dos Deputados

A FRUTA "CABELUDA" DO ORIENTE

RAMBUTAN CHEGOU AO BRASIL HÁ 27 ANOS CARREGADO NO BICO DE UM SAPATO

Por CARLOS DUSSE

Integrante da família da lichia, o rambutan, também chamado de rambutão, é uma fruta proveniente do Sudeste Asiático, sendo mais comum na Malásia e na Indonésia. Sua polpa tem sabor adocicado, mas levemente ácido. Por isso, ele é muito utilizado para a produção de geleias e outros doces, quando não é consumido *in natura*.

Foto: panda3800 | shutterstock.com

Foto: Jonas San Luis | shutterstock.com

Rambutan é rico em vitamina C

A casca da fruta se assemelha à da lichia, mas possui uma espécie de pelúcia vermelha. A palavra rambutan vem do malaio e significa, justamente, "cabeluda". A fruta desenvolve-se no rambutanzeiro, uma árvore perene e de clima tropical. Por crescer em climas quentes, precisa ser cultivada em regiões com solos úmidos. A produção brasileira concentra-se em dois Estados: Bahia e Pará. A safra ocorre entre os meses de junho e agosto.

CHEGADA AO BRASIL

Um dos grandes produtores de rambutan no país é Eduardo Seko, filho do japonês radicado no Pará Kohei Seko. De acordo com o próprio Seko, seu pai foi o primeiro agricultor a trazer as sementes da fruta para o Brasil. Em junho de 1985, Kohei viajou para diversos países do Extremo Oriente e experimentou o produto na Indonésia.

O japonês trouxe várias sementes dentro da mala. Precavido, colocou algumas nos bolsos e também no bico do sapato. Quando retornou ao Brasil, as sementes da mala foram confiscadas e sobraram apenas as poucas que estavam nos bolsos e no calçado. Kohei plantou-as e hoje a família Seko colhe cerca de 18 mil toneladas da fruta por ano.

CONSUMO

Grande parte do mercado consumidor do rambutan no Brasil está em São Paulo. Segundo dados da Ceagesp, somente nos sete primeiros meses de 2012, foram vendidos 13.849 quilos do produto na central de abastecimento. Se essa proporção for mantida até o fim do ano, será o recorde de vendas da fruta na Ceagesp desde 2008. Além de produzirem, Pará e Bahia também se destacam como mercados consumidores da fruta.

Por ser raro, o preço do produto é elevado. No varejo, o quilo dificilmente custará menos que R$ 20. "O rambutan se torna caro pela sua raridade e por se tratar de uma fruta que só temos uma safra com período de dois meses e meio por ano", afirma Eduardo Seko.

O rambutan é rico em vitamina C, magnésio, carboidratos, proteínas, cálcio, fósforo, potássio, ferro e niacina. Ainda contém vitaminas do complexo B, principalmente B3 e ácido fólico, que melhoram a saúde digestiva e a pele. Com seu valor nutricional, ele pode ajudar a combater o estresse e a reforçar o sistema imunológico.

NAS TRILHAS DO ABASTECIMENTO

EM PLENO DESERTO ÁRABE, OU NO CLIMA TEMPERADO DA EUROPA, COMO EXPERIÊNCIAS DE ABASTECIMENTO PELO MUNDO PODEM SER MODELOS PARA AS CEASAS BRASILEIRAS

Por VERLAN ANDRADE

Diversificação de produtos, sistemas de climatização, embalagens padronizadas e frutas e hortaliças rotuladas podem parecer realidades ainda distantes de muitas ceasas brasileiras, mas integram a rotina de boa parte dos mercados europeus. Para conhecer de perto como algumas das principais centrais de abastecimento do mundo chegaram a esse patamar de qualidade, uma delegação brasileira de técnicos e dirigentes de ceasas e da Abracen percorreu, em fevereiro e maio deste ano, mercados atacadistas e varejistas em cinco países.

O relatório com as principais impressões da equipe deu origem a um diário de bordo. "Observamos nas visitas que o setor alimentício tem desempenhado um papel cada vez mais importante nos grandes centros da Europa", afirma o chefe do Departamento de Planejamento da CeasaMinas, o agrônomo Gustavo Almeida Costa, um dos membros da delegação.

Ele destaca que a rotulagem e a rastreabilidade, com garantia de origem, são algumas das ações há muito tempo estabelecidas e cumpridas principalmente na Europa. Outro ponto positivo, de acordo com ele, é o uso intensivo de paletes para acomodar as embalagens, facilitando a logística dos perecíveis.

Participaram também das visitas o presidente da Abracen, João Alberto Paixão Lages, e representantes da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), das ceasas de Campinas, Piauí, Ceará, São Paulo (Ceagesp) e do primeiro entreposto privado do país, a Companhia de Entrepostos e Armazéns de São José do Rio Pardo (Ceagerp/SP).

1-4. O mercado localizado no meio do deserto se assemelha muito aos do Brasil, mas a diferença está na boa padronização dos hortifrútis. As altas temperaturas tornam os contêineres estacionários indispensáveis nesses mercados. Destaque para os pavilhões em forma de U, que permitem ao comprador estacionar em sua parte central. A descarga ocorre pelo lado externo e a carga, internamente. **5-6.** Em Aalsmeer, leilão de flores realiza 116 mil transações por dia. **7-8.** Em Roterdã, empresário utiliza smartphone para acompanhar climatização de produtos à distância. **9-12**. Entreposto de Rungis destaca-se pela diversificação e investimento em classificação e câmaras frias. **13-14**. Ceasa de Lisboa é a maior do mundo em energia solar, capaz de abastecer 3 mil residências. **15-16**. Uso de caminhões refrigerados e produtos padronizados se destacam no mercado de Bolonha. **17-19**. Estacionamento para compradores no mercado de Milão, que também investe na classificação de produtos. **20.** Plataformas largas do mercado de Berlim **21.** Variedade de frutas e hortaliças. **22-23.** Cozinha itinerante em ônibus para estimular consumo. **24**. Dirigentes e técnicos da Abracen e da Conab durante missão internacional

DUBAI

18/02 - VAREJO DE DUBAI: POTENCIAL PARA AS FRUTAS BRASILEIRAS

A equipe visitou alguns pontos de varejo de Dubai, incluindo uma grande rede mundial, onde pôde observar que o país é um importador de produtos do Brasil, a exemplo da manga e do limão. Ainda assim, a presença de frutas tropicais brasileiras é muito baixa, com destaque para as variedades do Peru e da Colômbia.

19/02 - GULFOOD: A MAIOR FEIRA DO MUNDO

A Gulfood é um local que os atacadistas e varejistas brasileiros devem conhecer, tanto para buscar novos produtos como para captar novos clientes. Na feira, mais de 150 países expõem seus alimentos mais representativos, assim como trazem demandas regionais. A feira inclui materiais para o processamento e embalamento, até alimentos *in natura* ou processados como pães, azeite, vinhos, arroz, biscoitos e outros de diversos países.

20/02 - ATACADO DE DUBAI: NO MEIO DO DESERTO, A IMPORTÂNCIA DA REFRIGERAÇÃO

O mercado atacadista de Dubai é um entreposto de grande porte e novo. Com as suas avenidas amplas e topografia plana, possui quatro pavilhões destinados aos produtores. Os contêineres são bastante utilizados, embora no pavilhão destinado aos produtores não haja refrigeração, contribuindo para perdas. Ponto positivo são as embalagens, mais adequadas que no Brasil, com o uso de paletes. Outro destaque é o formato em U do pavilhão, facilitando a compra das mercadorias pelos compradores. Também chamou a atenção a existência de área própria para carga e descarga.

HOLANDA

22/02 - ROTERDÃ BUSCA EXPANSÃO

A central de abastecimento de Roterdã é composta por 38 atacadistas de diversas áreas: carne, flores, frutas, vegetais, e, especialmente batata e alimentos diversos, em uma área de 49 hectares. O mercado de Roterdã está passando por uma reestruturação, pois assim como acontece em diversos entrepostos no Brasil, apresenta problemas de estacionamento. Os compradores são cadastrados e paga-se para entrar no mercado o valor correspondente a R$ 0,50.

A tecnologia de um empresário local chamou a atenção da delegação brasileira. Toda a sua empresa está automatizada, do atendimento a um pedido de um cliente até o amadurecimento da banana, que pode ser controlado pelo smartphone de qualquer parte do mundo.

23/02 - FLORES DE AALSMEER: O MAIOR DISTRIBUIDOR DO MUNDO

A FloraHolland é uma cooperativa formada por aproximadamente 6 mil produtores que são os principais atores na comercialização de flores no mundo. Não há, como na cidade de Aalsmeer, local com tamanha diversidade de flores e plantas.

Há 14 locais de venda através do famoso leilão com uso do relógio. São feitas 116 mil transações por dia em uma área de 2,2 milhões de metros quadrados, 5.600 compradores, 4.600 empregados e um giro anual de 4 bilhões de euros. Entre o preparo das flores para o leilão e a chegada da planta na banca do varejo, gastam-se menos de 24 horas.

23/02 - AMSTERDÃ: REFERÊNCIA EM CAIXAS PLÁSTICAS

Assim como ocorre no mercado de Roterdã, o entreposto de Amsterdã passa por um processo de modernização que inclui a expansão da área atual de 23,5 hectares, dentro da valorizada região central da cidade. O giro anual do mercado está em torno de 1 bilhão de euros. A revitalização inclui ainda a retirada do matadouro, a construção de uma área para estacionamento e a venda de uma parte do terreno para construção de prédios residenciais.

O mercado oferta produtos diversos como peixes, carnes e hortifrútis, havendo, a exemplo de Roterdã, uma taxa para entrada.

São utilizadas caixas plásticas, cujo giro anual chega a 10 milhões. A empresa Europoolsystem é o maior fornecedor do continente de serviços logísticos para embalagens plásticas retornáveis.

FRANÇA

24/02 - RUNGIS: O MAIOR DO MUNDO

Rungis, na França, é considerado o maior mercado de produtos frescos do mundo. Todos os dias, mais de 30 mil profissionais circulam pelo entreposto que possui perfil internacional, graças aos grandes volumes de importações e exportações. O mercado de Londres, por exemplo, compra frutas três vezes na semana.

Um dos destaques é o sistema de coleta e reciclagem, principalmente do papelão, além do tratamento dos resíduos orgânicos. A venda de carnes possui um rigoroso controle de rastreabilidade e dos próprios compradores. Há ainda moderno mercado para comercialização de peixes, empresas que prestam serviço na área de armazenamento e logística, completo mercado para flores e insumos, um pavilhão específico para mais de 300 variedades de queijos e a indiscutível qualidade dos hortifrútis vindos de todo o mundo. Assim como em outros entrepostos europeus visitados, todo usuário deve pagar para entrar no entreposto.

Foto: Mercado Internacional de Rungis/Divulgação

PORTUGAL

18/05 - LISBOA: UMA CEASA MOVIDA A ENERGIA SOLAR

Um dos destaques do Mercado Abastecedor da Região de Lisboa (Marl) está na energia solar gerada no entreposto, considerada a maior para esse tipo de empreendimento. O espaço conta com 30 mil painéis solares fotovoltaicos, que reduzem as emissão de monóxido de carbono (CO2) em 7 mil toneladas por ano. A energia produzida é de aproximadamente 6 megawatts, capaz de abastecer uma cidade com 3 mil residências. O Marl obteve o prêmio UIE 2000, entregue pela International Union of Eletricit, devido ao projeto de racionalização de energia.

ITÁLIA

21/05 - BOLONHA: QUALIDADE CONFIRMADA EM LABORATÓRIO

O Centro Agroalimentar de Bolonha (Caab) é uma moderna estrutura criada para atender ao comércio atacadista de alimentos bem como os serviços logísticos necessários.

O Caab é um consórcio formado pelo governo público local prefeitura de Bolonha, Câmara do Comércio e as províncias da Região da Emília Romana e Bolonha, associação comercial, bancos e os operadores de alimentos.

No mercado, são feitas mais de 100 mil análises químicas e microbiológicas, o que garante a qualidade dos

produtos no entreposto. O mercado para comercialização de frutas e hortaliças é totalmente coberto, assim como os espaços para cargas, armazéns e escritórios administrativos.

22/05 - MILÃO: ABASTECENDO 10 MILHÕES DE PESSOAS

O mercado de Milão também se destaca pela diversificação de produtos, que incluem hortifrútis, aves, flores e carnes. São 681 mil metros quadrados de área onde é comercializado 1 milhão de toneladas de produtos por ano. Trata-se de um negócio que movimenta 2,5 milhões de euros por ano, e abastece 10 milhões de habitantes.

ALEMANHA

25/05 - BERLIM: FOCO NA DIVERSIFICAÇÃO

Em uma área de 300 mil m² o mercado atacadista de Berlim possui 300 empresas que movimentam anualmente mais de 1 bilhão de euros por ano. O mercado de frutas e hortaliças possui uma área de 85 mil m² com sistema de refrigeração específico para cada empresa. Um dos destaques é o mercado de peixes, cujo rigoroso controle de qualidade ocorre nas 24 horas do dia.

PROPOSTA

De acordo com Gustavo Almeida Costa, a proposta a partir das visitas é aplicar um questionário eletrônico junto aos principais mercados atacadistas com o auxílio da União Mundial dos Mercados Atacadistas (WUWM).

Nos questionários, serão abordadas questões como gerenciamento de resíduos, estacionamento, expansão, novas fontes de receitas, contratos de uso do espaço, tipos de caixas plásticas retornáveis, dentre outros tópicos.

CEASAS REFORÇAM CONSEA

CONSELHO RESPONSÁVEL POR ASSESSORAR PRESIDÊNCIA SOBRE SEGURANÇA ALIMENTAR PASSA A CONTAR COM DIRIGENTES DE CEASAS COMO REPRESENTANTES DA ABRACEN

Por VERLAN ANDRADE

Foto: Consea/Divulgação

Maria Emília, presidente do Consea: estímulo ao consumo de hortifrútis deve incluir alimentos agroecológicos

A importância das centrais de abastecimento na garantia de alimentos em condições de qualidade e em quantidade adequadas para a população entrou de vez nas discussões do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). Isso porque o conselho ligado diretamente à presidência da república aprovou, em julho, os nomes de dois dirigentes de Ceasas para integrarem, como observadores, a entidade. Atuarão como representantes da Abracen no Consea o presidente da Ceasa Piauí, Alberto Monteiro Neto, e o vice-presidente da Ceasa do Distrito Federal, Marcelo Piccin.

Implantado em 2003, o Consea tem caráter consultivo, assessorando a presidência da república na formulação de políticas e na definição de orientações para garantir o direito humano à alimentação. A entidade não gere nem executa programas, projetos, políticas ou sistemas.

Para a presidente do Consea, Maria Emília Lisboa Pacheco, a participação de representantes das Ceasas vem em um momento bastante oportuno. Até o fim do ano, serão realizados dois novos seminários internacionais (outubro e dezembro), além de uma plenária em novembro, quando os observadores e membros poderão propor soluções para os desafios na área.

A presidente elogiou a iniciativa da Abracen e de outras instituições em implantar uma nova campanha de estímulo ao consumo de frutas e hortaliças a partir deste ano. Nesse campo, Maria Emília sugere a inclusão do tema da agroecologia, que inclui a valorização de produtos sem agrotóxicos, ambientalmente corretos e acessíveis ao público. "Temos que romper com essa visão de nicho de mercado para esses produtos", afirma.

CONQUISTAS

Entre as iniciativas governamentais acompanhadas pelo Consea, estão os programas Bolsa Família, Nacional de Alimentação Escolar e de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar.

SÓ EM 2010, A ALIMENTAÇÃO FOI INCLUÍDA COMO DIREITO SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO

Maria Emília destaca outras conquistas recentes que tiveram participação do conselho, como a inclusão, em 2011, da alimentação como direito social no artigo 6º da Constituição Federal por meio de uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC). Até então, o tema não constava como direito social tal como a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança e a previdência social.

Outro avanço no tema, na avaliação dela, foi a publicação da Lei nº 11.947/2009, que determina a utilização de, no mínimo, 30% dos recursos destinados à alimentação escolar na compra de produtos da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando os assentamentos de reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas.

O Consea também participou do processo que culminou na publicação do Decreto 7.272/10, que regulamentou o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan).

Foto: Divulgação Ceasa/PI

CONHEÇA OS REPRESENTANTES DA ABRACEN NO CONSEA

Alberto Monteiro Neto, presidente da Ceasa/PI, é advogado especializado em direito fiscal e tributário e direito constitucional. Foi diretor-administrador da Companhia Metropolitana de Transportes Públicos do Estado e, atualmente, é doutorando em direito civil pela Universidad de Buenos Aires (UBA) e consultor-instrutor do Empretec (Sebrae-PI).

Marcelo Piccin é engenheiro agrônomo, formado pela Universidade Federal de Pelotas/RS. Foi diretor de desenvolvimento de assentamentos no governo estadual do Rio Grande do Sul. Em 2003, foi assessor da presidência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) . No período de 2004 a 2008, atuou em Minas Gerais executando projetos de segurança alimentar junto a famílias da reforma agrária. Foi diretor na Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), em que coordenou a execução de programas como o de Aquisição de Alimentos (PAA) de 2008 a 2011. Atualmente, é vice-presidente da Ceasa/DF.

RIO DE JANEIRO

RECEBE ENCONTRO NACIONAL DA ABRACEN

Fotos: Cláudio Fernandes

01. Momento de pronunciamento do presidente da Ceasa/RJ, Leonardo Brandão, e detalhe da mesa no Encontro Nacional da Abracen no Rio de Janeiro. 02. Da esquerda para a direita, o presidente Leonardo Brandão (Ceasa/RJ), o diretor técnico-operacional (Ceasa/RS), Gerson Madruga, o presidente da Abracen, João Alberto P. Lages, o diretor técnico Ceasa/RJ, Daniel Rosa, o diretor financeiro Ceasa/RJ, Savio Monnerat. 03. Momento da apresentação do técnico da CeasaMinas e engenheiro agrônomo, Gustavo Almeida. 04. Presidente da Abracen, João Alberto P. Lages, apresenta a 8ª edição da Revista Abastecer Brasil. 05. Apresentação do técnico da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Aníbal Teixeira Fontes. 06. Técnica da Ceasa/PR, Clarice Santos Maciel durante sua apresentação no encontro Nacional da Abracen no Rio de Janeiro. 07. Engenheira Adriana Campos, da Ceasa Campinas.

O Encontro Nacional da Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento (Abracen), realizado no último mês de agosto, teve duração de dois dias e foi sediado no Rio de Janeiro. Com a participação das Ceasas filiadas à associação, além de entidades ligadas ao abastecimento nacional, os convidados visitaram, após o credenciamento, a Ceasa/RJ e participaram da reunião de diretoria da Abracen.

Além destes compromissos, também fizeram parte da agenda, importantes apresentações como a do representante da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Aníbal Teixeira. Durante sua exposição ele fará a proposta de uma nova versão do Sistema de Informação do Mercado de Abastecimento (SIMAB). Somados às apresentações, também mereceram destaque os debates que abordaram o uso de agrotóxicos nos produtos e sobre um novo projeto de Eficiência Energética.

08. Diretor técnico da Ceasa do Espírito Santo, Carmo Robilotta. 09. Presidente da Ceasa/RJ, Leonardo Brandão, diretor técnico da Ceasa/ES, Carmo Robilotta e o presidente da Abracen, João Alberto P. Lages. 10. Participantes do Encontro Nacional da Abracen no Rio de Janeiro visitam o mercado da Ceasa/RJ. 11. Na mesa, da esquerda para a direita, acompanham o pronunciamento do presidente da Abracen, João Alberto Paixão Lages, a gerente geral da Unacoop, Margarete Teixeira, Newton Jr. da Conab, o Coordenador Geral do Seguro Rural do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa), Luiz Silveira Rangel. 12. Ouvidora da Ceasa/RJ, Rita Pereira, Subsecretário de Desenvolvimento Regional de Abastecimento e Pesca, Carlos Kritrine e Secretário de Desenvolvimento Regional, Abastecimento e Pesca, Pedro Motta Cascon. 13. Durante o encontro da Abracen no Rio de Janeiro, componentes da mesa e convidados se posicionam para execução do hino nacional.

CEASAMINA

Na hora de fazer as compras, priori
produtos que você e a sua família co

CEASAMINAS
Centrais de Abastecimento

Rodovia BR 040 / km 688 - Bairro Guanabara

AS PLANTANDO FUTURO, COLHENDO SAÚDE E DISTRIBUINDO CIDADANIA.

ize a variedade e a qualidade dos
onsomem. Escolha a CEASAMINAS!

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

- Contagem - MG - www.ceasaminas.com.br

marketingpro.com.br

Sabor
Qualidade
frescor

NL Vip

NL FRUTAS E LEGUMES

Com esta marca você tem qualidade garantida

www.nlfrutas.com.br

BR- 040 - km 688 - CeasaMinas - R. 09 - 120 - área especial nº 2 - Contagem - MG - CEP.: 32145-900 Tel.: 31-3369-9300